

4^a JORNADAS
INTERNACIONAIS

**PATOLOGIAS
E DYSFUNÇÕES**
DA DEMOCRACIA EM
CONTEXTO MEDIÁTICO

DISCURSO POPULISTA -
A HORA DA NORMALIZAÇÃO

4TH INTERNATIONAL CONFERENCE

**PATHOLOGIES
AND DYSFUNCTIONS**
OF DEMOCRACY
IN MEDIA CONTEXT

POPULIST DISCOURSE -
THE TIME FOR NORMALIZATION

**4^a JORNADAS
INTERNACIONAIS
PATOLOGIAS E DISFUNÇÕES
DA DEMOCRACIA EM
CONTEXTO MEDIÁTICO
LIVRO DE RESUMOS**

**4TH INTERNATIONAL
CONFERENCE ON
PATHOLOGIES AND
DYSFUNCTIONS OF
DEMOCRACY IN MEDIA
CONTEXT
ABSTRACTS BOOK**

27 e 28 de março de 2025

Auditório da Biblioteca Central
Faculdade de Artes e Letras
Pólo 1
Universidade da Beira Interior

FICHA TÉCNICA

PROGRAMA + RESUMOS

Coordenação Executiva e Científica / Executive Scientific + Coordination

João Carlos Correia (UBI, LabCom)
Anabela Gradim (UBI, LabCom)

Comissão Organizadora / Organizing Committee

João Carlos Correia (UBI, LabCom)
Aline Grupillo (UBI, LabCom)
Anabela Gradim (UBI, LabCom)
Branco Di Fátima (UBI, LabCom)
Danielly Santos (UFPE)
Inês Salvador (UBI, LabCom)
Rafael Mangana (UBI, LabCom)

Comissão Científica / Scientific Committee

Anabela Gradim (UBI, LabCom)
André Barata (UBI, PRAXIS)
António Bento (UBI, PRAXIS)
Branco Di Fátima (UBI, LabCom)
Bruno Costa (UBI, PRAXIS)
Catarina Rodrigues (UAc, LabCom)
Edson Capozano (ESPM-SP)
Eduardo Camilo (UBI, LabCom)
Eduardo Paz Barroso (UFP, LabCom)
Gil Ferreira (ESEC)
Giovanni Ramos (ESEC, LabCom)
Gisela Gonçalves (UBI, LabCom)
Heitor Rocha (UFPE)
Hélder Prior (UAL, LabCom)
Herlander Elias (UBI, LabCom)
João Canavilhas (UBI, LabCom)

João Pedro Roma Baptista (UTAD, LabCom)
José António Domingues (UBI, PRAXIS)
José Carlos Alexandre (IPG, LabCom)
José Ricardo Carvalheiro (UBI, LabCom)
Maria João Cabrita (UBI, PRAXIS)
Mateus Noronha (ERC/UBI, LabCom)
Naide Muller (UCP, CECC)
Paulo Serra (UBI, LabCom)
Paula Espírito Santo (ISCSP)
Pedro Pinto de Oliveira (UFMT)
Renato Essenfelder (UFP, LabCom)
Ricardo Morais (FLUP, LabCom)
Samuel Mateus (UMa, LabCom)
Sónia Sá (UBI, LabCom)

Design

Thais Longaray (Graphic)

Suporte Administrativo / Administrative Support

Mércia Pires
Adelaide Reis
Filomena Santos

Suporte Informático / IT Support

Gabriel Lázaro

APRESENTAÇÃO PRESENTATION

A ascensão do populismo implicou uma alteração dos temas e das convenções discursivas vigentes no espaço público mediático. Por um lado, assistiu-se à imposição combativa de uma agenda. Por exemplo, a avaliação de imigrantes como ameaça da segurança interna e como sobrecarga do Estado do bem-estar social e do sistema de educação foi um desenvolvimento transnacional do populismo (Wodak, 2024). Por outro lado, implicou um repertório estilístico e discursivo que se traduz numa forma particularmente disruptiva e agressiva de intervenção. Há uma performance na esfera pública que passa pela provocação contínua e pela infração das normas do politicamente correto.

Depois do seu surgimento disruptivo com a insistência em fórmulas de contestação e de confronto político genericamente apresentadas numa lógica decididamente combativa, os movimentos e partidos representantes do fenómeno populista enfrentam frequentemente a institucionalização das suas práticas políticas e estratégias comunicacionais, aparentemente resultante do alargamento da sua base eleitoral e do seu acesso aos “corredores do poder”: Parlamentos, Governos, Comissões de Inquérito, Conselhos de Estado, autarquias, são algumas das instâncias a que a lógica democrática alçou alguns destes novos protagonistas políticos. Esta institucionalização que geralmente surge na sequência do crescimento eleitoral é, por um lado, acompanhada por vezes pela alegada normalização destes atores e das suas estratégias discursivas e comunicacionais.

Nota: Os resumos que constam neste livro foram submetidos pelos respetivos autores aquando da *call for papers*.

PROGRAMA PROGRAM

DIA 27 (QUINTA-FEIRA) / MANHÃ
ANFITEATRO DA PARADA

9h00 | Credenciação

9h30 | Abertura

ANDRÉ BARATA

Presidente da Faculdade de
Artes e Letras (FAL)

JOSÉ DOMINGUES

Presidente do Departamento de
Comunicação, Filosofia e Política

ANABELA GRADIM

Diretora do LabCom UBI –
Laboratório de Comunicação

JOÃO CARLOS CORREIA

Coordenador das 4ª Jornadas

9h45 | Sessão Inaugural

MARCOS PALACIOS

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
e Universidade da Beira Interior (UBI)

10h15 | Debate

Moderação: Herlander Elias

10h30 | Sessão 1

*Democracia nas redes: A comunicação
pública dialógica como ferramenta para
o combate a desinformação em regiões
isoladas – Mateus Noronha (LabCom UBI)*

*A democracia segundo os jornais
regionais: Uma análise dos media
da Região de Blumenau – Giovanni
Ramos (Instituto Politécnico de
Coimbra / LabCom UBI)*

*Fact-checking na era da plataformização:
Uma batalha perdida contra o
populismo? – Ricardo Moraes (FLUP
– Universidade do Porto / CITCEM /
LabCom UBI) | apresentação online*

11h15 | Debate

Moderação: Eduardo Camilo

11h30 | Coffee break

11h45 | Sessão 2

*Narrativas tóxicas contra
telespectadores de telenovelas em
Portugal – Inês Salvador (LabCom UBI)
& Branco Di Fátima (LabCom UBI)*

*Análise dos comentários de assinantes
direcionados ao jornal Folha de
São Paulo a partir da publicação
do artigo “Aceitem a democracia”
de Jair Bolsonaro – Rodrigo de
Castro Resende (LabCom UBI)*

Discursos de ódio e contranarrativas em redes sociais: Uma análise dos comentários a conteúdos jornalísticos no Público Brasil – João Lima (UBI) & Branco Di Fátima (LabCom UBI)

Comunicação de crise e retórica política: a demissão do primeiro-ministro e o discurso populista – Hugo dos Santos (Universidade do Porto) & Gisela Gonçalves (LabCom UBI)

12h45 | Debate

Moderação: José Ricardo Carvalheiro

13h00 | Almoço

DIA 27 (QUINTA-FEIRA) / TARDE ANFITEATRO DA BIBLIOTECA

14h30 | Sessão 3

Hegemonia, representações e populismos: Contributo a uma hermenêutica de discursos mediático – Eduardo Paz Barroso (FCHS – Universidade Fernando Pessoa / LabCom UBI)

Armadilhar ideias: O poder do discurso populista e as patologias da democracia – Herlander Elias (LabCom UBI)

O populismo: Entre a panaceia e a pandemia – Bruno Serra (Praxis UBI)

15h30 | Debate

Moderação: Gisela Gonçalves

15h45 | Coffee break

16h00 | Conferências

JOÃO DE ALMEIDA SANTOS

Professor, investigador e escritor
O discurso populista

CARLA CERQUEIRA

Universidade Lusófona e CICANT
Ativismos feministas nos media: Entre retrocessos e resistência

17h00 | Debate

Moderação: João Carlos Correia

17h15 | Sessão 4

A crônica do descaso: A desigualdade de género na cobertura desportiva em Portugal – Paulo Sérgio Nunes (UBI) & Branco Di Fátima (LabCom UBI)

O populismo é coisa de macho? Um estudo sobre a patologia do machismo na política em Mato Grosso – Pedro Pinto de Oliveira (UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso) & Júlia Gabriella Munhoz (UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso) | apresentação online

O 'midialivrismo' de direita no Brasil no contexto do extremismo político on-line – Mauro Souza Ventura (UNESP – Universidade Estadual Paulista) | apresentação online

18h00 | Debate

Moderação: Branco Di Fátima

18h30 | Encerramento

DIA 28 (SEXTA-FEIRA)
ANFITEATRO DA BIBLIOTECA

9h30 | Sessão 5

A metamorfose da correção política num partido antissistema? Uma análise dos programas eleitorais do CHEGA – Leandro Ferreira Matias, Helena Cristina Carlão Areias, João Gabriel Amorim de Paula Silva & Mariana Alexandra Morais Gonçalves (Cátedra Jean Monnet / POLMEDIA_EU / UBI)

Nem mais uma: Uma tematização do discurso sobre mulheres da deputada Rita Matias do partido Chega no TikTok – Catarina Magalhães (Universidade de Coimbra / CEIS20) & Inês Rua (Universidade de Coimbra)

O perfil de André Ventura no TikTok: A comunicação do representante do partido Chega! em Portugal – Danielly Bezerra Santos (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco / UBI) & Anabela Gradim (LabCom UBI)

A comunicação política de André Ventura – Uma análise à utilização do Instagram durante o período de debate e votação do Orçamento de Estado para 2025 – Rita Deodato (UBI) & Bruno Ferreira Costa (UBI)

10h00 | Debate

Moderação: Anabela Gradim

10h15 | Conferência

PAULA ESPÍRITO SANTO

Universidade de Lisboa e CAPP/ISCSP
Populism and extreme and radical right parties in Southern Europe in a comparative perspective

EDUARDO CAMILO

Universidade da Beira Interior (UBI) e LabCom UBI
Retrato do mauzão: Análise da prestação de André Ventura nas Eleições Presidenciais (Portugal, 2021)

11h15 | Debate

Moderação: Anabela Gradim

11h30 | Coffee break

11h45 | Sessão 6

Democracia algorítmica ou manipulação silenciosa? – Fátima Santos & Bárbara Biolchi (UBI)

O impacto da Inteligência Artificial generativa na Comunicação Política – Samuel Mateus (Universidade da Madeira / LabCom UBI)

Troça e masculinidade: A ironia como arma política contra as agendas feministas inclusivas – Naíde Müller (UCP – Universidade Católica Portuguesa) | apresentação online

12h45 | Debate

Moderação: Giovanni Ramos

13h00 | Almoço

14h15 | Sessão 7

Polarização afetiva e redes sociais: Desafios para as sociedades abertas na era do populismo – Gil Baptista Ferreira (Instituto Politécnico de Coimbra / LabCom UBI)

Patologias nas condições de produção do jornalismo da televisão pública brasileira – Acsa Roberta Macena da Silva (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco) | apresentação online

Jornalismo investigativo e suas possibilidades: A cobertura da imigração no Brasil como ameaça ao debate democrático – Verônica Maria Rufino de Sousa (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco) & Heitor Rocha (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco) | apresentação online

O coach é meu pastor e nada me faltará: A convergência entre empreendedorismo, religião e polarização política no Brasil no discurso de Pablo Marçal – Natália Kozmhinsky (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco) & Heitor Rocha (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco) | apresentação online

15h15 | Debate

Moderação: Gil Baptista Ferreira

15h45 | Conferências (online)

CAITLIN CARLSON

Seattle University

Hate speech and populism

RITA FIGUEIRAS

Universidade Católica Portuguesa

Estratégias de comunicação

populistas e modelos de negócio do jornalismo: Ethos em conflito?

16h45 | Debate

Moderação: João Carlos Correia & Branco Di Fátima

17h00 | Coffee break

17h15 | Sessão 8

Teorias conspiratórias no discurso de parlamentares bolsonaristas – Allan Macedo de Novaes (Centro Universitário Adventista de São Paulo) & Diogo Macedo de Novaes (UnB – Universidade de Brasília)

O populismo de direita e a participação política em sociedades democráticas – Maria Eduarda Odília Costa (UBI)

Jornalismo e democracia em crise: Desafios e barreiras na formação da opinião pública qualificada – Heitor Rocha (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco) & Juliana Ângela Lapenda Figueiroa (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

Educação para além da sala de aula: Propaganda maoísta e populismo na animação da Revolução Cultural – Shenglan Zhou (CECC – Universidade Católica Portuguesa)

18h15 | Debate

Moderação: Mateus Noronha

18h30 | Encerramento

ORADORAS/ES

SPEAKERS

CAITLIN RING CARLSON



DIA 28 (SEXTA-FEIRA)
15h45 | Conferência online

Hate speech and populism

Caitlin Ring Carlson é Professora Associada e Diretora do Departamento de Comunicação e Media da Seattle University. Possui Ph.D. em Estudos dos Media pela University of Colorado. Os seus principais interesses de investigação estão na área de direito e políticas dos media, especialmente no que diz respeito aos novos media, liberdade de expressão e justiça social. O seu trabalho atual foca-se nos discursos de ódio. Interessa-se também pela liberdade de expressão das mulheres, incluindo a liberdade de imprensa e a propriedade dos media por mulheres. É autora do livro *Hate Speech*, publicado pela MIT Press em 2021. Caitlin Carlson faz ainda parte da equipa de autores do livro *The Law of Journalism and Mass Communication* (8ª ed.), publicado pela Sage em 2023. O seu trabalho foi publicado em conceituados periódicos académicos, como *Communication Law & Policy*, *Journal of Media Law and Ethics*, *First Amendment Studies* e *First Monday*. A investigação de Caitlin Carlson foi também apresentada em publicações generalistas, como o *Wall Street Journal*, *Wired* e *Venture Beat*.

CARLA CERQUEIRA



DIA 27 (QUINTA-FEIRA)
16h00 | Anfiteatro da Biblioteca

***Ativismos feministas nos media:
Entre retrocessos e resistência***

Carla Cerqueira é doutorada em Ciências da Comunicação – especialização em Psicologia da Comunicação – pela Universidade do Minho (2012), e fez pós-doutoramento na mesma área na Universidade do Minho, na Universidade Autónoma de Barcelona e na Universidade Erasmus de Roterdão (de 2013 a 2018). Atualmente é professora associada na Universidade Lusófona, diretora do Doutoramento em Comunicação e Ativismos, investigadora integrada no CICANT – Centro de Investigação em Comunicação Aplicada, Cultura e Novas Tecnologias e colaboradora do CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Os seus interesses de investigação incluem género, feminismos, interseccionalidade, movimentos sociais, activismos, cidadania digital e media. Integra vários projetos de investigação nacionais e internacionais, e é a investigadora principal do projeto “FEMglocal – Movimentos feministas glocais: interações e contradições” (PTDC/COM-CSS/4049/2021). É a coordenadora da Comissão de Investigação e Políticas da GAMAG – Global Alliance on Media and Gender. Faz parte da direção da APEM – Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres e integra a Comissão de Ética da ECREA.

EDUARDO CAMILO



Eduardo Camilo é licenciado em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, doutorado e agregado em Ciências da Comunicação pela Universidade da Beira Interior. Investiga a comunicação estratégica nas suas variadas vertentes: desde a comunicação municipal à publicidade, passando pela propaganda política. É investigador do LabCom e do Grupo Cost sobre Teorias da Conspiração. É autor de várias publicações e de diversos artigos na área da comunicação estratégica, da semiótica e da teoria da imagem (fotográfica).

DIA 28 (SEXTA-FEIRA)
10h15 | Anfiteatro da Biblioteca

***Retrato do mauzão: Análise da
prestação de André Ventura nas
Eleições Presidenciais (Portugal, 2021)***

JOÃO DE ALMEIDA SANTOS



DIA 27 (QUINTA-FEIRA)
16h00 | Anfiteatro da Biblioteca

O discurso populista

João de Almeida Santos é licenciado em Filosofia pela Universidade de Coimbra e obteve, em 1987, a Laurea di Dottore em Filosofia na Universidade de Roma La Sapienza. Em 2009, concluiu o Doutoramento Europeu em Ciências da Comunicação na Universidade Complutense de Madrid, instituições onde também exerceu atividades como professor e investigador. Atuou como Assessor Político do Primeiro-Ministro nos XVII e XVIII Governos Provisórios e foi Presidente da Assembleia Municipal da Guarda e da CIM-Comurbeiras entre 2005 e 2013. Exerceu o cargo de Diretor da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Lusófona. É autor e coautor de mais de três dezenas de obras, como *Política e Democracia na Era Digital* (Lisboa, 2020), *Media e Poder* (Lisboa, 2012), *Os Intelectuais e o Poder* (Lisboa, 1999), *Paradoxos da Democracia* (Lisboa, 1998) e *O Princípio da Hegemonia em Gramsci* (Lisboa, 1986).

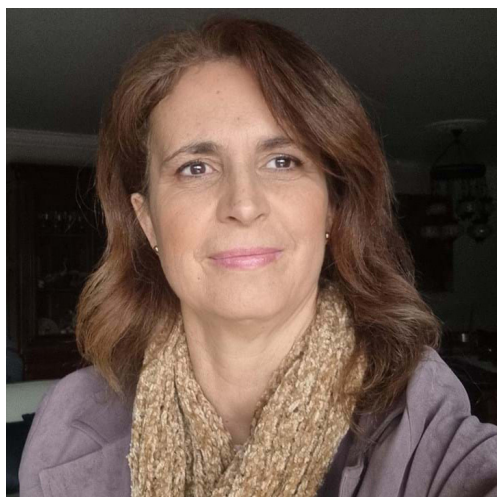
MARCOS PALACIOS



DIA 27 (QUINTA-FEIRA)
9h45 | Anfiteatro da Parada

Marcos Palacios doutorou-se em Sociologia pela University of Liverpool (1979). Dedica-se à investigação e ao ensino na área da Comunicação, com ênfase em Webjornalismo, Jornalismo Comparado e Novas Tecnologias da Comunicação. Desde 1986, é docente e investigador na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil, tendo ascendido por concurso à categoria de Professor Catedrático. Coordenou ou integrou mais de 20 projetos de investigação, nacionais e internacionais. Foi um dos fundadores do Grupo Ciberpesquisa, pioneiro no Brasil nos estudos sobre Cibercultura (1996), e do Grupo de Investigação em Jornalismo Online (GJOL), um dos primeiros dedicados ao estudo do ciberjornalismo no país (1995). Desde 2010, é Professor Catedrático Visitante na Universidade da Beira Interior (UBI).

PAULA DO ESPÍRITO SANTO



DIA 28 (SEXTA-FEIRA)
10h15 | Anfiteatro da Biblioteca

***Populism and extreme and radical
right parties in Southern Europe
in a comparative perspective***

Paula do Espírito Santo é Professora Associada com Agregação no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade de Lisboa (ULisboa) e investigadora no CAPP/ISCSP/ULisboa e no ICPOL/ISCPSI. Além disso, atua como Professora Visitante em diversas universidades. Os seus interesses de investigação concentram-se nas áreas da Comunicação Política, Comportamento Eleitoral, Cultura Política, Sociologia Política e Metodologia das Ciências Sociais. Tem coordenado e participado em vários projetos nestes domínios, destacando-se o projeto internacional MAPP (Members and Activists of Political Parties), no qual, em parceria com Marco Lisi, lidera a investigação sobre filiados e ativistas portugueses. Entre as suas publicações, destacam-se: Introdução à Metodologia das Ciências Sociais (Sílabo); Beyond Internet – Unplugging the Protest Movement Wave (Routledge, com Rita Figueiras, 2016); Militantes e Ativismo nos Partidos Políticos – Portugal em Perspetiva Comparada (ICS, organizado com Marco Lisi, 2017).

RITA FIGUEIRAS



Rita Figueiras é doutorada em Ciências da Comunicação, professora e investigadora na Universidade Católica Portuguesa. Os seus interesses de investigação relacionam-se com o poder e os media, datificação e vigilância digital. De entre os trabalhos mais recentes destacam-se: Figueiras, R., Bolin, G., & Kalmus, V. (2024). Toward a Datafied Mindset: Conceptualizing Digital Dynamics and Analogue Resilience. *Social Media + Society*, 10(2); Kalmus, V., Bolin, G., & Figueiras, R. (2024). Who is afraid of dataveillance? Attitudes toward online surveillance in a cross-cultural and generational perspective. *New Media & Society*, 26(9).

DIA 28 (SEXTA-FEIRA)
15h45 | Conferência online

***Estratégias de comunicação
populistas e modelos de negócio do
jornalismo: Ethos em conflito?***

RESUMOS

ABSTRACTS

SESSÃO 1

DEMOCRACIA NAS REDES: A COMUNICAÇÃO PÚBLICA DIALÓGICA COMO FERRAMENTA PARA O COMBATE A DESINFORMAÇÃO EM REGIÕES ISOLADAS

Autor

Mateus Noronha (LabCom-UBI)

Resumo

A crise no setor dos media em Portugal atinge de forma mais aguda os media de proximidade, os quais, historicamente, cumprem a função de mediação das forças políticas, económicas e sociais nas esferas públicas locais (Camponez, 2002; Correia, 2012). Nos últimos anos diversos títulos encerraram suas atividades, ao ponto de alguns concelhos no país não terem qualquer meio de comunicação, fenómeno que está sendo denominado de “deserto de notícia”. A ocorrência dos desertos de notícias atinge, frequentemente, localidades com dinâmica económica restrita e baixa densidade populacional (Abernathy et al., 2022; Furlanetto & Baccin, 2020). De acordo com Ramos (2021), nestes locais as pessoas têm acesso a informação jornalística sobre o que acontece em outros concelhos e em nível nacional, mas não a notícias credíveis sobre sua própria localidade (Ramos, 2021). A falta de cobertura jornalística em uma localidade resulta em diminuição do escrutínio das instituições locais e possível vulnerabilidade à desinformação nas redes sociais e aos discursos populistas (Ardia et al., 2020; Barclay et al., 2022; Torre & Jerónimo, 2023).

As plataformas sociais na internet, como o Facebook, tornam-se as principais fontes de informação nestas localidades, e

os usuários tendem a buscar os perfis oficiais das instituições públicas para acederem a informações confiáveis (Torre et al. 2024). Neste sentido, nas regiões em que há prevalência dos desertos de notícias as instituições públicas devem aproveitar a maior procura pelas fontes oficiais na internet para promover, por este canal, os princípios da comunicação da pública dialógica e bilateral (Grunig, 2008; Kent & Taylor, 1998), a qual busca a interação franca e horizontalizada com os usuários, na condição de cidadãos, e para os quais a entidade é razão de existência. Acreditamos que em um ambiente de comunicação bilateral entre cidadãos e entidades públicas, a esfera pública local pode tornar-se menos suscetível às ameaças de desinformação e a naturalização do discurso populista, por meio do estabelecimento de uma relação de confiança entre entidade e usuários (Yanaze, 2012).

Estas tendências podem ser verificadas por meio do caso específico das Comunidades Intermunicipais (CIM) portuguesas. As CIM são associações de municípios às quais os concelhos associados delegam parte das funções ou competências, com o objetivo de prestar serviços a todos os seus membros. Desde 2014 Portugal continental ficou subdividido em duas Áreas Metropolitanas, de Lisboa e Porto, e as 21 Unidades Territoriais de nível III (NUTs III), que correspondem às CIM. Estes agrupamentos entre concelhos destinam-se à prossecução de diversas finalidades, como a promoção da saúde pública, desenvolvimento económico, educação, entre outros, e suas atividades influenciam de forma direta os moradores de áreas de abrangência.

Neste cenário, sobressaem dois questionamentos de partida: a) as CIM localizadas em áreas com predominância de conselhos denominados desertos de notícias estabelecem maior engajamento com os cidadãos dessas localidades em comparação com as CIM de áreas que não são desertos de notícias? b) a comunicação dialógica promovida pelas CIM em desertos de notícias permite ampliar a interação destas entidades com os cidadãos em comparação com as CIM que não dialogam com os públicos?

Utilizamos o método da análise de conteúdo a partir de um conjunto total de dados composto por 7.858 publicações das 19 CIMs portuguesas que possuem perfis no Facebook. Os dados foram recolhidos de 1 de janeiro a 31 de dezembro de 2023, resultando em 138.183 milhões de interações. Para a análise, utilizamos uma amostra aleatória estratificada de 10% destas publicações, resultando em 786 publicações como o universo da pesquisa. Identificamos que as páginas com maior abrangência de desertos de notícias recebem, proporcionalmente, mais seguidores do que as que não estão em desertos de notícias. Além desse fator, as CIM que estabelecem diálogo com seus públicos nos espaços destinados aos comentários possuem taxa de interação significativamente maior que as demais.

A DEMOCRACIA SEGUNDO OS JORNAIS REGIONAIS: UMA ANÁLISE DOS MEDIA DA REGIÃO DE BLUMENAU

Autor

Giovani Ramos (Instituto Politécnico de Coimbra / LabCom UBI)

Resumo

No dia 26 de novembro de 2024, a Polícia Federal do Brasil apresentou um relatório com mais de 800 páginas a respeito de uma investigação sobre uma tentativa de Golpe de Estado no Brasil. Este relatório indiciou 37 pessoas, por uma suposta organização criminosa que tinha como objetivo dar um golpe de estado no país, impedir a posse do presidente eleito em 2022, Luís Inácio Lula da Silva em uma trama que envolvia ainda um assassinato do ministro da suprema corte brasileira, Alexandre de Moraes, responsável por esse caso na corte (G1, 2024). Entre os indicados, generais de quatro estrelas que estavam em ministérios no governo anterior e o ex-presidente Jair Bolsonaro, apontado no relatório como maior beneficiado caso o golpe fosse consumado (G1, 2024).

O relatório com os indiciamentos aumentou a temperatura do debate político no Brasil, um país marcado por uma forte polarização política na última década, acentuada pela vitória de Jair Bolsonaro em 2018 nas eleições presidenciais. Os quatro anos do governo Bolsonaro (2019-2022) foram marcados por diversos ataques aos meios de comunicação e aos jornalistas, especialmente durante o período da pandemia de Covid-19 (Nicoletti & Flores, 2022). O jornal Folha de São Paulo e a TV Globo foram os maiores alvos do então governo entre os media (Fernandes et al., 2021), mas toda a comunicação social foi impactada, com o aumento da violência contra jornalistas em todo o país (Nicoletti & Flores, 2022).

Se os meios de comunicação social nacionais foram alvos de uma retórica anti-im-

prensa do governo federal, nomeadamente do então presidente Jair Bolsonaro, os meios de comunicação regional estiveram em um outro dilema. Isto porque, os media regionais sempre foram o elo mais fraco da comunicação social, mais suscetíveis às crises financeiras e, principalmente, mais dependentes do poder público, nomeadamente local, como prefeituras e câmaras de vereadores no caso brasileiro (Vieira, 2014; Correia, 1998; Ramos, 2018).

A derrota de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022 mudou a relação dos principais meios de comunicação brasileiros com o governo federal. Porém, o clima de polarização política permaneceu no país que teve em 2022 a disputa mais acirrada para a presidência da República em sua história (Avritzer et al., 2023).

O mapa político que se formou nas urnas das eleições de 2022 mostrou um Brasil dividido, com o ex-presidente Jair Bolsonaro com maior força nas regiões Sul e Centro-Oeste. O Estado de Santa Catarina, que havia dado a maior vitória para Bolsonaro em 2018, teve um desempenho semelhante em 2022, elegendo também o governador do Estado, um senador e a maior bancada na Câmara dos Deputados para o Partido Liberal, no qual Jair Bolsonaro estava filiado (G1, 2022).

O objetivo desta investigação é analisar o impacto da polarização política brasileira no debate sobre a democracia nos meios regionais. A pergunta inicial é saber de que forma jornais regionais e locais de regiões onde Bolsonaro permanece muito popular lidaram com temas como golpe de Estado, onde a acusação recaí sobre o grupo político que obteve apoio majoritário da população nas últimas eleições.

Busca-se entender este impacto nos meios regionais, cujas características primordiais são a proximidade não apenas com os seus leitores, mas também com atores sociais das comunidades onde estão inse-

ridos, facto que tende a gerar influências nas linhas editoriais.

Para responder estas perguntas, faz-se inicialmente uma investigação teórica sobre jornalismo de proximidade, esfera pública e sobre polarização política e a relação entre partidos populistas e os media. Depois, analisa-se os editoriais de jornais da Região Imediata de Blumenau, onde Bolsonaro teve vitórias acima de 70% em 2022.

Os jornais escolhidos para a investigação foram: O Município (Blumenau), Jornal Metas (Gaspar), Teste Notícias (Pomerode) e Jornal do Médio Vale (Timbó). Os conteúdos analisados foram: editoriais e colunas de política na semana seguinte aos atentados de 8 de janeiro de 2023 e na semana seguinte ao indiciamento de Jair Bolsonaro e outros em novembro de 2024. Analisou-se o posicionamento da empresa e seus formadores de opinião a respeito dos temas democracia e golpe de estado.

FACT-CHECKING NA ERA DA PLATAFORMIZAÇÃO: UMA BATALHA PERDIDA CONTRA O POPULISMO?

Autor

Ricardo Morais (FLUP – Universidade do Porto / CITCEM / LabCom UBI)

Resumo

Este artigo toma como ponto de partida a recente decisão da Meta de terminar o programa de verificação de factos, em vigor desde 2016, nas redes Facebook, Instagram e WhatsApp. O CEO da Meta justificou a decisão dizendo que o atual sistema de verificação de factos “chegou a um ponto em que tem muitos erros e muita censura”. Mark Zuckerberg acrescentou que “os verificadores de factos têm sido muito tendenciosos politicamente e destruíram mais confiança do que aquela que criaram, especialmente nos EUA”. Com base nesta recente decisão, neste artigo procuramos analisar em que medida a verificação de factos tem sido utilizada como arma política pelos líderes populistas, transformando-a de uma ferramenta de verificação dos factos numa arma de guerra política. A verificação de factos surgiu como um instrumento vital na luta contra a desinformação, sendo mesmo considerada, por muitos, como um novo género jornalístico (Almeida-Santos et al., 2023). No entanto, dados recentes indicam uma desconfiança pública significativa em relação ao rigor e à imparcialidade dos verificadores de factos (Baptista et al., 2023).

Por outro lado, os líderes populistas têm explorado as limitações inerentes à verificação de factos em seu benefício. A verificação de factos, embora crucial, é um processo que requer muitos recursos e tem dificuldade em acompanhar a rápida disseminação da desinformação online. Os líderes populistas capitalizam essas dificuldades inundando o espaço de informação com constantes alegações falsas ou enganosas, sobrecarregando os verifi-

cadores de factos e criando um ambiente de “decadência da verdade”. Este cenário afeta a confiança pública na informação (Cardoso et al., 2024) e cria uma atmosfera de confusão e incerteza, facilitando a manipulação da opinião pública por parte dos líderes populistas. Considerando estas dinâmicas, o nosso estudo propõe-se a examinar as referências ao fact-checking que aparecem nos canais de social media de André Ventura. Analisar estas verificações ajudar-nos-á a compreender como os procedimentos de verificação de factos podem ser manipulados e como essa manipulação vai ao encontro dos objetivos dos líderes populistas.

A hipótese que procuramos validar é a de que a verificação dos factos é usada de forma paradoxal pelo líder do Chega. Em alguns casos, Ventura utiliza a verificação de factos como arma para lançar ataques contra adversários políticos, minando a sua credibilidade e reforçando a sua narrativa como a voz da verdade. Noutros cenários, ele descarta seletivamente a validade da verificação de factos quando esta o retrata a ele, ou ao seu partido, de forma desfavorável, promovendo, em vez disso, uma imagem de perseguição por parte de media tendenciosos. Além disso, a verificação dos factos serve-lhe de mecanismo para promover as posições ideológicas do partido, estabelecendo uma ligação entre as preocupações legítimas dos seus apoiantes e a retórica política que Ventura defende. Assim, a nossa análise irá focar-se nos padrões de envolvimento e retórica. Pretendemos explorar as estratégias de enquadramento que Ventura utiliza em relação à verificação de factos nas redes sociais, particularmente na rede X. Analisaremos as suas publicações e os comentários feitos pelos seus seguidores para avaliar como estas narrativas têm repercussões na sua base de apoio. Esta exploração terá uma dimensão quantitativa — com que frequência são mencionadas as verificações dos factos e o seu

tom — e uma vertente qualitativa, orientada para as discussões relativamente à confiança pública no jornalismo e no discurso político de uma forma mais ampla. Compreender as táticas de Ventura pode revelar tendências mais amplas dentro do populismo de direita, particularmente a forma como estes líderes navegam no ceticismo em torno dos meios de comunicação social e das instituições tradicionais. As suas mensagens prosperam frequentemente com base na desinformação e no descrédito dos verificadores de factos, baseando-se numa narrativa de vitimização que os posiciona como os campeões da verdade contra uma elite estabelecida. Esta investigação pretende contribuir para o discurso crítico em torno da verificação de factos e do seu papel na comunicação política contemporânea e, ao mesmo tempo, acompanhar a importância de estudar como as agendas do populismo de direita se cruzam com as da verificação de factos (Rivas-de-Roca et al., 2024).

SESSÃO 2

NARRATIVAS TÓXICAS CONTRA TELESPECTADORES DE TELENOVELAS EM PORTUGAL

Autores

Inês Salvador (LabCom UBI)

Branco Di Fátima (LabCom UBI)

Resumo

Pese embora preencham o horário nobre dos canais privados portugueses, as telenovelas estão intimamente ligadas a um preconceito cultural (Torres, 2008; Salvador, 2022). Associadas por muitos à mesmidade narrativa, decorrente da sua pertença a uma indústria cultural e ao uso de fórmulas de sucesso, as telenovelas são, ainda, conotadas de narratologicamente vagarosas (Ortiz, Borelli & Ramos, 1991; Cádima, 1995 citado por Paixão da Costa, 2003). Segundo os críticos do género televisivo “telenovela”, estas características promovem a apatia reflexiva por parte dos telespectadores e traduzem a residual originalidade e disrupção do formato.

Dados do “Inquérito às Práticas Culturais dos Portugueses”, disponibilizado em 2022 pela Fundação Calouste Gulbenkian dão conta que dos 90% da população que assiste a televisão, em Portugal, 40% acompanham telenovelas. Os telespectadores que assistem a este formato são, segundo o Observatório Ibero-Americano de Ficção Televisiva (2024), mulheres, população acima dos 65 anos e indivíduos pertencentes às classes sociais mais baixas (D e E).

De forma a maximizar o envolvimento com os respetivos telespectadores, os canais portugueses criam, desde há muito, páginas oficiais para os seus programas de

entretenimento e produções ficcionais. Um estudo exploratório às páginas oficiais de Instagram das telenovelas portuguesas dá conta da mitigação avolumada de publicações com excertos de episódios das telenovelas ou com imagens marcantes de cenas fulcrais da narrativa. Nestes casos, os administradores das páginas optam por uma simbiose entre a descrição dos acontecimentos narrativos apresentados e a interação com os telespectadores, incitando ao seu feedback e posicionamento. De forma mais ocasional observa-se a apresentação de momentos de bastidores, a indicação de níveis de audiência e declarações/curiosidades alusivas às tramas invocadas pelos atores que as constituem. Contudo, na era digital, as narrativas tóxicas encontram terreno fértil nas redes sociais digitais, que frequentemente amplificam preconceitos sociais. Comentários depreciativos, muitas vezes baseados em estereótipos, podem reforçar estigmas sociais e isolar determinados grupos (DI Fátima, 2023). Mas será que isto acontece, online e offline, em relação à população que assiste a telenovelas portuguesas?

O objetivo desta investigação é analisar as representações sociais associadas aos telespectadores de telenovelas e a sua eventual ligação a narrativas tóxicas vertidas dentro e fora das redes sociais digitais. Por outras palavras, visa-se perceber se as narrativas negativas dirigidas ao formato das telenovelas se refletem em perceções depreciativas dos seus telespectadores: que tipo de comentários ouvem/leem os telespectadores que assistem diariamente a telenovelas, em relação aos seus hábitos de consumo? Será que, tal como o formato é tido como “inferior” ou “pobre”, também

os telespectadores de telenovelas são percebidos como aliterados ou academicamente menos eruditos? Estamos perante uma minoria social com base nas suas preferências de consumo?

Para dar resposta às questões elencadas, realizar-se-ão entrevistas estruturadas (Ander-Egg, 1978) a telespectadores das telenovelas lusas mais recentes nos canais generalistas portugueses. Serão tidas em conta as telenovelas “A Fazenda” (TVI) e “A Herança” (SIC). O corpus desta investigação será construído por 30 entrevistas a indivíduos que, através dos seus perfis, tecem comentários nas publicações das páginas de Instagram das telenovelas em estudo. A aplicação da técnica da entrevista visa auscultar as experiências dos telespectadores no que concerne às narrativas a si dirigidas por conta das suas preferências de consumo. Este mapeamento fornecerá dados quanto às representações sociais associadas a telespectadores de telenovelas e quanto a possíveis estigmas culturais ligados a este grupo.

ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS DE ASSINANTES DIRECIONADOS AO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO A PARTIR DA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO “ACEITEM A DEMOCRACIA” DE JAIR BOLSONARO.

Autor

Rodrigo de Castro Resende (LabCom, UBI)

Resumo

Em 11 de novembro de 2024 o jornal Folha de São Paulo publicou, na versão impressa, um artigo do ex-presidente Jair Bolsonaro com o título “Aceitem a democracia”. O mesmo artigo foi publicado na versão on-line do periódico no dia 10 de novembro (Bolsonaro, 2024). No texto, o ex-presidente cita conquistas do que chama de “direita brasileira”, destacando as eleições municipais de 2024. Bolsonaro destaca ainda as eleições de expoentes da direita pelo mundo como Javier Milei, na Argentina e, a mais recente àquela altura, a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos em 2024. O texto foi publicado na área do jornal denominada “tendências/debates”.

Este trabalho busca analisar, a partir de aspectos da teoria dos usos e gratificações, os comentários feitos a este texto na versão on-line por assinantes que tenham como direcionamento o jornal Folha de São Paulo a partir da seguinte questão: De que forma reagiu a comunidade de assinantes do jornal Folha de São Paulo em relação à decisão do jornal à publicação do artigo do ex-presidente brasileiro Jair Bolsonaro?

O objetivo é verificar o conteúdo dos comentários destinados à empresa de comunicação já que alguns dos fatores clássicos da teoria de usos e gratificações apontam que os usuários tendem a seguir determinado meio ou conteúdo por “relações pessoais” ou “identidade pessoal”. (McQuail, 1972).

Após a publicação do artigo na versão on-line no site do Jornal Folha de São Paulo, foram feitos 516 comentários por leitores,

todos assinantes, na página do artigo até o dia 04 de dezembro de 2024.

Pereira e Serra (2023) destacam que “o comentário online se constitui como um espaço de expressão e interação, onde os internautas e as diferentes formas de pensar e de se posicionar no mundo dialogam, a partir da possibilidade de respostas que esse gênero oferece”, ideia reforçada por Dóris de Arruda (2012), que acrescenta que “o comentário eletrônico (...) é um novo tipo de diálogo que os jornalistas não conheciam antes da internet, uma vez que as cartas de leitores eram editadas, não eram imediatas e raramente eram respondidas pelo editor ou por outros leitores da mídia impressa”.

Dos 516 comentários, foi possível catalogar o total de 513, sendo que 510 são considerados válidos e 3, no momento da coleta, já haviam sido excluídos pelo jornal. Os comentários foram reproduzidos na íntegra em uma planilha, bem como o nome de seus autores e a indicação do provável sexo a partir do nome apresentado. Foram recolhidos ainda o número de curtidas de cada comentários.

Após essa catalogação foi feita uma leitura para identificar quais textos eram direcionados ao jornal, comentando de alguma forma a decisão sobre a publicação do artigo. Após essa leitura, eles foram categorizados, por análise de conteúdo (Bardin, 2016), em “crítica”, “apoio” e “indiferença” à publicação do texto.

Dos 513 comentários catalogados, 272 são direcionados ao jornal Folha de São Paulo e não ao tema do artigo do ex-presidente, o que representa 53% dos comentários. Os comentários foram feitos por 213 pessoas únicas: 153 homens, 58 mulheres e 2 não identificados.

Dos 272 comentários direcionados ao jornal, 242 são críticos ao periódico pela pu-

blicação do artigo (88,97%), 25 são apoios ao jornal pela medida (9,19%) e 5 comentários não criticam nem apoiam, embora citem o jornal (1,84%). Com esses números é possível afirmar que o público de comentadores do jornal, todos assinantes, não reconheceu a publicação do texto do ex-presidente Jair Bolsonaro como uma gratificação, tendo como premissa o conceito de “identidade pessoal” de McQuail, Blumler e Brown (1972).

A coluna do ombudsman do jornal, publicada em 16 de novembro de 2024, trouxe a posição do periódico a partir de palavras do secretário de redação: “A Folha promoveu campanha pela democracia em 2020, diante da onda de apoio ao período de exceção que tinha em Bolsonaro um de seus porta-vozes. Não seria cinismo dar a ele esse espaço sob um título como “Aceitem a democracia”? Não, diz a SR, “nem vemos cinismo em publicar artigos que contrariem a opinião do jornal. Pelo contrário, é prática frequente”, afirma o comando da Folha” (Moraes, 2024).

DISCURSOS DE ÓDIO E CONTRANARRATIVAS EM REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS A CONTEÚDOS JORNALÍSTICOS NO PÚBLICO BRASIL

Autores

João Lima (UBI)

Branco Di Fátima (LabCom-UBI)

Resumo

O relatório realizado pelo Parlamento Europeu (2024), “Hate Speech and hate crime: Time to act?”, afirma que expressar ódio se tornou socialmente aceitável e que é inegável o seu crescimento nos últimos 20 anos, principalmente por causa da forma que ele é mais facilmente difundido no meio online. Segundo Tsene (2023), as características do discurso de ódio foram ampliadas sob o prisma dos media digitais. As plataformas de redes sociais alteraram a forma como a sociedade comunica, interage e reage aos acontecimentos, assim como a noção de liberdade de expressão, dificultando o combate ao ódio. Devido ao seu crescimento, o discurso de ódio tem sido cada vez mais estudado no âmbito académico, embora muitos problemas epistemológicos ainda careçam de respostas empíricas (Di Fátima, 2024).

Este estudo tem como objetivo mapear a presença de manifestações de ódio e as suas contranarrativas em comentários a conteúdos jornalísticos em Portugal, com foco em discursos de teor xenófobo e racista. A investigação busca compreender as diferenças na natureza desses discursos em duas redes sociais específicas: Instagram e Facebook. A principal questão de pesquisa é: qual a frequência e as características dos comentários com teor xenófobo e racista e suas contranarrativas nas plataformas?

A amostra será composta por conteúdos jornalísticos veiculados pelo “Público Bra-

sil”, uma edição do jornal Público destinada a brasileiros residentes em Portugal. A análise se concentrará nos comentários publicados nas redes sociais Instagram, onde o “Público Brasil” possui conta dedicada, e X, onde utilizada a conta oficial do jornal Público. A comparação entre as plataformas buscará identificar e quantificar os discursos de ódio, além de examinar as diferentes formas de interação dos leitores com os conteúdos jornalísticos em cada rede social.

A abordagem metodológica do artigo é mista, feita a partir de uma análise de conteúdo posterior a coleta e tratamento dos dados. A amostra do estudo é um conjunto de comentários da notícia “Cinco em cada 10 portugueses querem que a presença de brasileiros em Portugal diminua”, em duas publicações do Público Brasil em diferentes redes sociais, uma no Instagram e uma no X. O número total de comentários entre as duas publicações é de 161, sendo 94 da publicação no X e 67 da publicação do Instagram.

Sobre a notícia em si, foi escolhida devido a grande quantidade de interações nas duas redes e por ser um assunto que gerou discussões e polémica tanto entre o Público português quanto o Público brasileiro. As categorias de análise consideradas são: i) Número de comentários contendo discursos de ódio (n =); ii) Alvo dos ataques, incluindo racismo e xenofobia; iii) Citação direta de povos ou países; iv) Citação direta de outros termos pejorativos; v) Presença de contranarrativas ao ódio.

Os resultados preliminares sugerem que os comentários feitos na publicação da notícia no X registaram mais instâncias de discurso de ódio com teor xenófobo contra brasileiros e de descrédibilização de jornalistas do que os comentários feitos na mesma notícia no Instagram.

COMUNICAÇÃO DE CRISE E RETÓRICA POLÍTICA: A DEMISSÃO DO PRIMEIRO- MINISTRO E O DISCURSO POPULISTA

Autores

Hugo dos Santos (Universidade do Porto)

Gisela Gonçalves (LabCom-UBI)

Resumo

No dia 7 de novembro de 2023, o primeiro-ministro português demitiu-se por suspeitas de corrupção no seu gabinete. Este acontecimento fez despoletar uma arena retórica ampla, de diferentes áreas políticas, alimentada por uma intensa discussão no espaço público – incluindo o digital.

O objetivo da investigação foi, partindo deste caso, estudar a crise sob duas perspetivas distintas e complementares. Num primeiro momento, o propósito foi analisar o modo como o primeiro-ministro geriu a crise pessoal e institucional, através dos seus discursos e declarações à imprensa. De seguida, analisar uma amostra de comentários feitos pelos leitores sobre as notícias ligadas ao acontecimento nas páginas do Instagram da imprensa nacional, para perceber como é que estes foram recebidos pelo público e averiguar se se verificou um recurso a um estilo discursivo e argumentativo característico do populismo.

De um modo geral, quis-se compreender de que forma as opções retóricas e discursivas tomadas pelo primeiro-ministro na fase aguda da crise política condicionaram ou fomentaram a discussão no espaço público com o recurso a argumentos populistas.

A análise foi guiada por três teorias-chave na gestão da comunicação de crise: a Teoria do Discurso de Reparação da Imagem; a Teoria da Comunicação de Crise Situacional; e a Teoria da Arena Retórica.

A Teoria do Discurso de Reparação da Imagem foi importante na análise dos discursos do primeiro-ministro, enquanto a Teo-

ria da Comunicação de Crise Situacional foi relevante para compreender a gestão da crise. A Teoria da Arena Retórica, por sua vez, foi fundamental para definir o âmbito do estudo, propondo uma abordagem holística do fenómeno - que não contém apenas a perspetiva do primeiro-ministro.

O artigo partiu de duas questões:

Q1: Como é que a comunicação do primeiro-ministro começou e evoluiu ao longo da crise?

Q2: Quais foram as consequências da crise na esfera pública digital?

Partindo destas questões, dois pressupostos guiaram a análise: 1) É possível estabelecer uma relação entre a forma como a crise política foi gerida e as teorias de gestão de crise empresarial e 2) O debate na esfera pública digital, em casos de crises políticas associadas à corrupção, faz-se com base em argumentos populistas.

Tendo em conta o objetivo da investigação, optámos por seguir uma abordagem qualitativa, composta por dois caminhos metodológicos: análise de discurso dos discursos oficiais e declarações à imprensa do ex-primeiro-ministro, de modo a compreender a evolução da estratégia de comunicação; e análise de conteúdo dos comentários a posts de jornais nas redes sociais sobre notícias relacionadas diretamente com esta crise.

A análise de discurso das declarações de António Costa inclui as três intervenções públicas que ocorreram entre 7 e 14 de novembro de 2023, correspondendo à fase aguda da crise. A primeira intervenção corresponde à apresentação do pedido de demissão; a segunda, à reação à dissolução da Assembleia da República; e a terceira, ao pedido de desculpas no seguimento dos 75 mil euros encontrados no local de trabalho do chefe de gabinete.

te do ex-primeiro-ministro. Foi feita uma análise à estrutura dos discursos, de modo a compreender os tópicos abordados em cada intervenção e a relevância de cada um deles.

Já a análise de conteúdo foi aplicada a todos os comentários feitos nas oito publicações de notícias do Público e do Expresso – as principais referências de diário e semanário em Portugal, respetivamente – feitas no dia 7 de novembro.

O modelo de análise foi construído com base na revisão de literatura e pretendeu debruçar-se sobre o discurso populista, o tom dos comentários (de modo a averiguar a existência de hateholders e faith-holders) e a presença de insultos.

A presença de elementos característicos do discurso populista foi analisada através das variáveis 'sim'/'não' para as seguintes categorias: 'centrado no povo', 'anticorrupção', 'restauração da soberania popular', 'antissistema', 'estilo agressivo', 'nós vs. eles' e 'apoia factos não comprovados'. A codificação de cada uma das categorias fez-se de acordo com a revisão de literatura.

O tom dos comentários foi analisado através de três categorias:

1) 'positivo', onde se incluem todos os comentários que visam defender a imagem do ex-primeiro-ministro (recordando bons momentos da sua governação, realçando as suas capacidades de liderança, lembrando a presunção de inocência...);

2) 'negativo', que abrange todos os que procuram atacar a imagem de António Costa (através de insultos, insinuações, ironia...);

3) 'neutro', onde se enquadram os que não se relacionam diretamente com o ex-primeiro-ministro ou a sua conduta.

Por fim, a presença de insultos foi registada através das categorias 'sim' ou 'não'.

Este estudo evidencia a relevância de aplicar teorias de comunicação de crise empresarial ao contexto da comunicação política, particularmente em momentos de crise, como no caso da demissão do ex-primeiro-ministro. A evolução dos discursos de António Costa segue um percurso clássico de gestão de crise corporativa: da negação e evasão de responsabilidade, até ao pedido de desculpa, em conformidade com as teorias de comunicação de crise.

A análise aos comentários nas redes sociais demonstrou uma predominância de retóricas populistas entre os utilizadores do Instagram, que se manifestaram maioritariamente de forma negativa em relação ao caso (58,43%). A presença de elementos típicos do populismo, como o estilo agressivo, o recurso a factos não comprovados e a retórica anti-corrupção, revela como este tipo de discurso prospera em crises políticas, contribuindo para a polarização do debate público.

Embora a maioria dos comentários não contenha insultos, a elevada taxa de comentários negativos demonstra a presença significativa de hateholders em oposição aos faith-holders, refletindo uma perda de confiança em António Costa. Apesar de não ser possível tirar conclusões acerca da sociedade em geral, estes dados revelam que houve uma maior predisposição para comentar nas redes sociais por parte dos utilizadores que se encontravam contra o ex-primeiro-ministro.

Este estudo permite concluir que a gestão de crise exige uma abordagem estratégica mais ampla, que considere a propagação de discursos populistas no espaço digital. A crise política vivida em torno da demissão de António Costa ilustra como, em tempos de incerteza, é fundamental garantir uma comunicação clara, trans-

parente e eficaz para evitar a disseminação de narrativas polarizadoras. Além disso, torna-se evidente a importância de promover um debate público mais informado e menos suscetível a discursos que alimentam a desconfiança nas instituições e nas figuras públicas.

Este trabalho reforça a necessidade de um maior foco na comunicação estratégica como instrumento de gestão de crise e chama a atenção para o papel que as redes sociais desempenham na amplificação de discursos populistas.

Acreditamos que esta investigação pode enriquecer o campo da comunicação estratégica, ao inovar na aplicação de teorias de comunicação de crise corporativa à esfera política. Ao utilizar teorias de comunicação tradicionalmente associadas a contextos empresariais, pretendeu-se encontrar novas perspetivas sobre como esses modelos podem ser eficazmente adaptados e aplicados para gerir crises políticas.

SESSÃO 3

HEGEMONIA, REPRESENTAÇÕES E POPULISMOS CONTRIBUTO A UMA HERMENÊUTICA DE DISCURSOS MEDIÁTICOS

Autor

Eduardo Paz Barroso (FCHS – Universidade
de Fernando Pessoa / LabCom UBI)

Resumo

A presente comunicação propõem-se analisar e interpretar exemplos do discurso populista e dos seus reflexos fixados na imprensa portuguesa recente.

Neste enfoque trata-se de enquadrar o nível de atenção de que os fenómenos populistas protagonizados por forças político partidárias e por agentes sociais são alvo nos media.

Como se aplica e reconfigura a categoria clássica de objectividade confrontada com relatos noticiosos de práticas populistas, sejam estas conotadas com a Direita ou com a Esquerda? Trata-se aqui de uma dimensão da realidade social que se repete e duplica numa espécie de relação mais ou menos especular, propensa a polarização e crispações. Mas qual o âmbito efectivo de uma e de outras?

Assente na ideia de soberania o populismo traz consigo uma reorganização do espaço político e da representação parlamentar (Franco de Sá, 2021). Os registos e traços destas alterações conectadas com o devir de velhas e novas realidades que trabalham os interstícios do tecido social, encontram-se fixados em discursos mediáticos, notícias e comentários, quase todos convergentes, no sentido em

que criam uma hegemonia ideológica que deixa pouco espaço para o debate descomplexado, e para uma argumentação de sinal contrário à lógica dominante, com fundamentos intelectualmente honestos. Debater, debater sempre, nomeadamente em fóruns orientados para o conhecimento e consequentemente com capacidade para proporcionar densidade epistemológica é seguramente um dos principais instrumentos de lidar com o (s) populismo (s).

Considera-se assim, e muito concretamente a este propósito, que “o pensamento crítico não é muito favorecido pela oralidade mas sim pela escrita” (Cardoso e Cunha, 2004). Daí que ancorar o debate sobre a controvérsia populista numa mediação retórica, procurando estabelecer e dissecar a sofística que lhe é própria, seja também um eixo desta reflexão, que nas condições actuais, se propõem sempre como reflexão em processo, logo a reclamar uma evolução constante.

Outro aspecto interessante para convocar, consiste em distinguir entre populismo de Direita e conservadorismo. O que implica um exercício que não é compatível com uma concepção redutora da atitude conservadora. Trata-se prioritariamente de valorizar um determinado tipo de relação com a lei, de olhar para a comunidade e de a procurar entender segundo uma lógica personalista, ou de repensar a dicotomia urbano vs rural tendo em conta a promoção (e ambição) de novos equilíbrios (Morgado, 2024; Scruton, 2024, Franco de Sá, 2021). Com efeito, como se pretenderá demonstrar com esta comunicação, o populismo de extrema direita, assim como o populismo de extrema es-

querda, criam efeitos de superfície, que numa primeira observação hipervalorizam a ancoragem e o respaldo na vontade popular, o que nos remete para uma óbvia necessidade de compreender o significado, mormente na sua génese contemporânea, da representação política, assim como os contornos do povo como entidade colectiva, e do poder que emana das manifestações da vontade que lhe assiste (Pires Aurélio, 2024).

Observando a génese dos populismos detecta-se que esta decorre de um sentimento de frustração política e de uma incapacidade de diferentes componentes do espectro partidário responderem a expectativas eleitorais. No caso da extrema direita parece haver uma deslocação nítida de eleitorados do centro (Marchi, R., & Zúquete, J. P. 2024) enquanto na extrema esquerda parece tratar-se de manter e alimentar ideologicamente (e quantas vezes a qualquer preço simbólico) uma agenda fracturante, quando não apoiada por partidos maioritários com vocação e larga experiência de governo (exemplo típico nesta última aspecto, o acordo conhecido como “geringonça” no XXI governo constitucional em Portugal).

A compatibilização da liberdade com a democracia, e por consequência de ambas com a verdade, defronta-se hoje com novas perspectivas face ao binómio liberdade formal, liberdade real (Aron, 2005). Diogo Pires Aurélio (2009) aprofunda pelo seu lado o problema ao afirmar, “a tradição democrática dos últimos dois séculos é toda ela atravessada pelo paradoxo de uma soberania que tende a ser recusada, para que a liberdade individual permaneça, e que ao mesmo tempo é requerida para emprestar efectividade à vontade comum “para que o povo possa querer” como se ouviu inúmeras vezes ao longo do século XIX”. É com a herança desta tradição e com os novos querereres, vontades e desejos/aspirações do povo,

que o fenómeno populista agora se confronta. E disso mesmo dá eco uma muito significativa parte da produção mediática no presente.

De facto o populismo é um conceito, com alicerces filosóficos bem definidos e não uma “imagem”. Contraria-se assim um dos teóricos da militância de extrema esquerda em Portugal (Louçã, 2023) com reconhecida incidência histórica.

Em conclusão, é um facto que, sendo a esfera pública atravessada por uma tensão permanente – e crescente – entre actores e figurantes político-sociais, há também uma constante proclamação, quando não uma tirania, do “politicamente correcto” que resvalou perigosamente para um confronto cultural, simbolizado numa “guerra ao Ocidente” (Murray, 2022). Mas é também uma guerra que no plano moral, no plano da linguagem e no plano do comportamento, revela as ambivalências que muitos cidadãos e actores políticos preferem não reconhecer.

Fazendo, a título de exemplo, um zoom sobre um dos episódios recentes de uma realidade propensa a desencadear discursos e paixões populistas, como aquele que produz um especial impacto metafórico, intrincado na expressão “encostados à parede”, na sequência de uma situação objectiva e concreta (a rusga policial na zona do Martim Moniz, Lisboa, Dezembro de 2024), podemos reflectir na polissemia desta expressão, e qual a duplicidade da mensagem que nos trás. E assim inferir que existe hoje um ambiente cultural consolidado que serve de alicerce à ascensão dos populismos. O que nos revelam os media portugueses a este respeito? Mediante a hermenêutica de alguns fragmentos do seu discurso, elaborada à luz de alguns pressupostos aqui enunciados, evidencia-se a questão a cuja resposta esta comunicação procurará dar um contributo com o objectivo de ampliar a discussão académica.

ARMADILHAR IDEIAS: O PODER DO DISCURSO POPULISTA E AS PATOLOGIAS DA DEMOCRACIA

Autor

Herlander Elias (LabCom-UBI)

Resumo

Este artigo intitulado “Armadilha Ideias: O Poder do Discurso Populista e as Patologias da Democracia” examina criticamente a prática de utilizar ideias como armas estratégicas para moldar comportamentos, controlar narrativas e exercer poder político e social. Esta análise combina perspectivas históricas e contemporâneas, enfatizando como a era digital amplificou essas práticas e expondo as consequências para as democracias modernas.

A metáfora de “armadilha ideias” sugere uma dinâmica além da simples comunicação, onde ideologias e narrativas são projetadas para capturar a atenção pública e induzir comportamentos desejados. Como Paul Virilio destaca em “A Bomba Informática”, “a informação tornou-se uma arma essencial na luta pelo poder” (2000, p. 29). Essa perspectiva é reforçada por Noam Chomsky em “Controle dos Media”, ao sublinhar que limitar o espectro de opiniões aceitáveis enquanto promove debates internos é uma forma de controle eficaz (1991, p. 45). No entanto, a crescente complexidade das tecnologias digitais e a multiplicação de plataformas trouxeram novos desafios, possibilitando que ideias manipuladoras se disseminassem em escalas sem precedentes.

Historicamente, as ideologias sempre desempenharam um papel central na manipulação social. Naomi Klein, em “A Doutrina do Choque”, ressalta como crises são usadas estrategicamente para reformular sociedades por meio do “capitalismo de desastre”, criando oportunidades para o reforço de estruturas de poder (2007, p. 69). Essa abordagem é essencial para en-

tender os mecanismos contemporâneos de controle, especialmente em regimes populistas. Esses regimes frequentemente utilizam crises para implantar mudanças profundas, explorando as fragilidades das democracias modernas.

Paul Virilio observa que “a aceleração da informação transforma a política na gestão da guerra da informação” (2000, p. 41), sugerindo que o controle da narrativa é tão importante quanto o confronto direto. Esse controle, muitas vezes, manifesta-se por meio de plataformas digitais, onde narrativas cuidadosamente projetadas capturam a atenção pública e moldam opiniões de maneira quase imperceptível.

A revolução digital transformou o ciberespaço em um “novo teatro de guerra” (Virilio, 2000, p. 79). A rápida difusão de ideias em plataformas como redes sociais tem implicações profundas na formação de bolhas ideológicas, onde grupos reforçam mutuamente suas crenças, muitas vezes à custa do diálogo crítico. Howard Rheingold, em “Net Smart”, alerta que essas bolhas criam “ecossistemas fechados de pensamento”, nos quais o potencial de manipulação é maximizado (2012, p. 67). Além disso, a dinâmica de viralidade inerente às plataformas digitais amplifica o impacto das ideias armadilhadas, muitas vezes promovendo desinformação e polarização social.

No livro “The Second Machine Age”, Brynjolfsson e McAfee discutem como as tecnologias digitais facilitam a manipulação de narrativas em benefício de objetivos políticos ou econômicos (2014, p. 88). Assim, as ideias armadilhadas na era digital não apenas influenciam eleições e movimentos políticos, mas também reconfiguram o tecido social, fragmentando comunidades e intensificando conflitos.

Movimentos sociais e políticos são terrenos férteis para armadilhas ideológicas. Como argumenta Srnicek em “Platform

Capitalism”, as plataformas digitais são ferramentas indispensáveis para a disseminação de narrativas, moldando movimentos em torno de ideologias específicas (2017, p. 140). Essas dinâmicas destacam a interseção entre tecnologia, política e cultura, onde o controle da narrativa se torna uma forma de poder. Empresas e marcas também utilizam essas estratégias para capturar consumidores emocionalmente, como foi descrito por Tien Tzuo em “Subscribed” (2018, p. 54).

Paul Virilio enfatiza que “a guerra moderna é tanto sobre controlar a informação quanto sobre o confronto físico” (2000, p. 105). Na era digital, essa guerra transcende os campos tradicionais de batalha, ocorrendo em plataformas digitais que operam a velocidades que superam a capacidade humana de análise crítica.

As práticas de armadilhar ideias têm impactos significativos nas democracias modernas, especialmente ao promover a polarização e a desinformação. Virilio alerta que o “dilúvio de informações” pode paralisar sociedades, obscurecendo verdades e dificultando o diálogo construtivo (2000, p. 113). Em “Reclaiming Conversation”, Turkle observa que a fragmentação ideológica resulta na perda da capacidade de engajamento nos diálogos significativos, uma ameaça direta à saúde das democracias (2015, p. 200).

Além disso, as ideias armadilhadas minam a confiança nas instituições democráticas, permitindo que narrativas populistas prosperem em contextos de incerteza e medo. Isso reforça a necessidade de uma alfabetização digital crítica, como sugerido por Rheingold, para capacitar indivíduos a navegar os desafios impostos pelas novas tecnologias (2012, p. 67).

Este oferece uma visão abrangente sobre o impacto das ideias armadilhadas nas democracias contemporâneas, destacando

a interseção entre tecnologia, ideologia e poder. À medida que o ciberespaço continua a evoluir, a capacidade de controlar narrativas e moldar percepções públicas torna-se uma arma cada vez mais poderosa. Compreender esses mecanismos é essencial para proteger as democracias contra as patologias que ameaçam sua sustentabilidade.

Ao ligar as teorias de autores como Paul Virilio, Naomi Klein e Howard Rheingold, o texto fornece uma base teórica sólida para entender as dinâmicas complexas de controle na era digital. Assim, o conceito de armadilhar ideias transcende sua aplicação prática, emergindo como um paradigma crítico para analisar as transformações da sociedade contemporânea.

O POPULISMO: ENTRE A PANACEIA E A PANDEMIA

Autor

Bruno Serra (Praxis UBI)

Resumo

O populismo, caracterizado essencialmente pela sua antinomização entre o “povo” e as estruturas de “elite”, tem-se vindo a tornar numa força particularmente significativa na política contemporânea. Em virtude dessa mesma antinomia, a sua relação com a os sistemas democráticos – bem como com o próprio conceito de democracia – revela-se complexa, instando a profunda reflexão e debate sobre se o populismo pode servir de corretivo a défices democráticos ou se representa, ao invés, uma ameaça fatal às instituições democráticas.

A par da ascensão contemporânea de movimentos populistas nas sociedades democráticas ocidentais a que temos assistido, um outro fenómeno a tem acompanhado – e, em larga medida, permitido e sustentado: a popularização das redes sociais no seio dessas mesmas sociedades. Embora seja hoje quase um lugar-comum encontrar nas redes sociais a causa de quaisquer males sociais que nos propomos a diagnosticar, neste aspecto em particular a sua influência é inegável. Com efeito, há muito que filósofos como Platão e Aristóteles identificaram na democracia um sistema político periclitante, que a todos os momentos titubeia à beira do precipício da tirania. Agora, contudo, no momento em que as redes sociais permitiram a certos agentes políticos contornar completamente os mecanismos de gate-keeping e agenda-setting impostos pelos media tradicionais – e que impediam que certas vozes e mensagens influíssem de forma não-mediada sobre a opinião pública, encontramos-nos perante um aparente paradoxo que ameaça dar razão a esses filósofos: é precisamente no momento em que a democracia se torna mais democrá-

tica – porquanto os candidatos, partidos e respectivas ideias encontram nas redes sociais um caminho desprovido de filtros ou obstáculos até à consideração dos votantes – em que ela se afigura como estando mais ameaçada de degenerar em intolerância e tirania.

A questão que pretendemos colocar e explorar é, em última análise, se essa visão pessimista sobre o efeito dos movimentos populistas no processo democrático por intermédio das redes sociais é justificada – o que legitimaria o género de “cordões sanitários” em torno de partidos populistas ou tentativas de os excluir liminarmente da esfera política a que temos assistido em países como França e Alemanha –, ou se, pelo contrário, esse tipo de movimentos pode contribuir algo de positivo no sentido de uma espécie de re-democratização da própria democracia. À luz desta última hipótese, e aplicando uma certa caridade hermenêutica, podemos citar alguns casos contemporâneos, tanto à esquerda como à direita do espectro político, que ilustram o potencial para esse efeito. Começando pela América do Norte, no México, a administração de Andrés Manuel López Obrador caracterizou-se por políticas destinadas a reduzir as desigualdades socioeconómicas e a aumentar a inclusão política. A sua retórica e ações populistas mobilizaram segmentos da população anteriormente desinteressados relativamente a essas questões, conseguindo assim trazê-las para a ordem do dia num ambiente cultural e político que, de outra forma, lhes seria potencialmente hostil.

Do outro lado da fronteira – e do eixo ideológico –, nos Estados Unidos, a ascensão de figuras populistas como Donald Trump e Elon Musk chamou a atenção para questões como a disparidade económica, o custo de vida, a segurança e a necessidade de uma política de imigração em consonância com o interesse nacional. Embora existam críticas quanto aos métodos e im-

plicações de tais movimentos, estes estimularam inegavelmente o envolvimento e o discurso político, levando a uma reavaliação de políticas e práticas passíveis de ter marginalizado certos grupos.

Já na Europa, o crescente apoio aos partidos populistas pressionou também o establishment político tradicional a abordar preocupações relacionadas com a imigração, a desigualdade económica e a soberania nacional. Esta dinâmica tem conduzido a debates mais robustos acerca desses assuntos e, em alguns casos, a reformas políticas destinadas a reflectir melhor a vontade expressa da população. A ascensão da Alternativa para a Alemanha (AfD), por exemplo, obrigou os principais partidos alemães a confrontar questões que teriam provavelmente tendido a ignorar anteriormente, melhorando assim a capacidade de resposta democrática.

A questão, portanto, é mais complexa do que possa parecer à primeira vista; por um lado, os movimentos populistas podem minar princípios democráticos liberais e promover a polarização, enquanto que as suas tendências maioritárias têm o potencial de comprometer salvaguardas constitucionais concebidas para proteger as liberdades individuais e manter o pluralismo democrático. Por outro lado, a ênfase do populismo no envolvimento directo com a população, o seu desafio à governação tecnocrática e a defesa de políticas em linha com as preocupações do público em geral, tem o potencial para revitalizar o processo democrático. A chave para aproveitar o potencial democrático do populismo, diríamos nós, residirá assim em equilibrar a sua ênfase na soberania popular com a preservação dos direitos e liberdades individuais. Em que medida e de que forma seria isso possível, é também o que nos propomos a procurar responder.

SESSÃO 4

A CRÔNICA DO DESCASO: A DESIGUALDADE DE GÊNERO NA COBERTURA DESPORTIVA EM PORTUGAL

Autor

Paulo Sérgio Nunes (UBI)

Branco Di Fátima (LabCom-UBI)

Resumo

O jornalismo desportivo em Portugal está profundamente ligado à evolução do futebol. Embora tenha começado com modalidades como ciclismo e automobilismo, segundo Pinheiro (2011), o futebol consolidou os grandes jornais desportivos na segunda metade do século XX. Contudo, a relação entre futebol e jornalismo desportivo não é isenta de contradições. Coelho (2004) critica o papel do jornalismo na construção da identidade nacional através do futebol, apontando que, frequentemente, os jornalistas assumem uma postura de “torcedores com caneta”, comprometendo a objetividade em favor de um discurso nacionalista e emocional.

Essa falta de objetividade reflete-se também na cobertura desigual do futebol feminino. Estudos recentes analisam a representação de género no jornalismo desportivo português (Gouveia et al., 2021). Amaral (2023) destaca a predominância do futebol masculino tanto em quantidade de notícias quanto na forma de retratar atletas. Zimmer (2022), ao estudar 2.000 notícias d'O Jogo entre 2015 e 2022, constatou que apenas 1,7% abordavam o desporto feminino, geralmente em espaços menos destacados e nas últimas páginas.

A disparidade entre desportos masculinos e femininos não é exclusiva de Portugal.

Peeters & Van Sterkenburg (2017) apontam que esta sub-representação é um fenómeno global, em parte devido à história recente do futebol feminino, muitas vezes visto como inadequado para mulheres. Hjelm & Olofsson (2003) também reforçam que o futebol feminino enfrentou resistência e preconceito ao longo da história. Atletas que desafiaram convenções sociais foram frequentemente criticadas e rotuladas como “masculinizadas”, perpetuando estereótipos de género e limitando a participação feminina no desporto-rei.

Considerando tal realidade, este estudo analisa a cobertura dos jornais desportivos portugueses sobre as seleções masculina e feminina durante os respetivos Mundiais de Futebol de 2022 e 2023. Com isso, a análise tem como objetivo não apenas quantificar a diferença da cobertura mediática entre o futebol masculino e feminino, mas também contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a representação de género no jornalismo desportivo nacional.

O corpus de análise é composto por 342 capas (114 por jornal, 57 por competição) dos três principais jornais desportivos portugueses: A Bola, Record e O Jogo. O recorte temporal inclui dois meses, abrangendo as duas semanas antes e depois de cada competição, além do mês da sua realização. As datas consideradas são:

- Mundial do Catar (futebol masculino): 20/11/2022 a 18/12/2022.
- Mundial da Austrália e Nova Zelândia (futebol feminino): 20/07/2023 a 20/08/2023.

No total, são analisados 57 dias por tor-

neio. Este recorte permite capturar a cobertura dos três jornais desde a preparação até às reflexões sobre as campanhas das seleções nacionais. A abordagem metodológica ao corpus baseia-se na análise de conteúdo (Bardin, 2016). Esta abordagem permite inferir explicações sobre as orientações e comportamentos dos meios de comunicação. Apesar das limitações para aprofundar o fenómeno, a metodologia permite responder de forma objetiva e abrangente à questão de investigação, refletindo as disparidades entre a cobertura do futebol masculino e feminino.

As categorias de análise adotadas neste estudo incluem: i) Seleções como chamada de capa: Frequência de aparições da seleção masculina e feminina como tema principal; ii) Frequência em outros espaços: Quantas vezes cada seleção é mencionada em áreas secundárias das capas; iii) Menor destaque: Localização e relevância de conteúdos menores sobre as seleções; iv) Notícias com imagem: Número de notícias sobre as seleções acompanhadas de fotografias, discriminadas por modalidade; v) Clubes no Mundial: Frequência de aparições dos três grandes clubes portugueses (SL Benfica, FC Porto e Sporting CP) durante os Mundiais. A ideia é verificar as diferenças de cobertura de cada um dos contextos, que são determinantes para justificar a aparição nas capas dos três jornais de desporto mais vendidos em Portugal.

Os resultados preliminares destacam a desigualdade na cobertura dos Campeonatos Mundiais de Futebol masculino e feminino, configurando-se como um obstáculo significativo à promoção da igualdade de género – um dos pilares centrais das democracias mais avançadas. A disparidade na cobertura do desporto, em particular no futebol, revela um problema persistente. Conforme apontado por estudos anteriores (Gouveia et al., 2021), apesar do crescimento expressivo no número

de praticantes de futebol feminino e das diversas iniciativas promovidas em âmbito nacional e internacional, a visibilidade mediática desse segmento ainda está longe de se equiparar à do futebol masculino.

O POPULISMO É COISA DE MACHO? UM ESTUDO SOBRE A PATOLOGIA DO MACHISMO NA POLÍTICA EM MATO GROSSO

Autores

Pedro Pinto de Oliveira (UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso)

Julia Gabriella Nogueira Munhoz (UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso)

Resumo

O presente estudo buscar apreender e refletir sobre o “estado da cultura política” em Mato Grosso, com suas configurações gerais e específicas, a partir da atuação das mulheres na política em um estado brasileiro de forte presença da extrema direita bolsonarista. Mato Grosso, no Centro-Oeste brasileiro, tem grande representação política local do bolsonarismo, são prefeitos, vereadores, deputados estaduais e representação nacional, com deputados federais e senadores; conta com o apoio explícito do setor dominante da economia local, o agronegócio, e apresenta, no âmbito da violência, um trágico perfil de liderança em número de casos de feminicídio no Brasil. Nossa problematização parte das seguintes questões condutoras: como o populismo de extrema direita marca suas posições em relação às mulheres que atuam na política em Mato Grosso? Quais estratégias comunicativas articulam para situar suas ideias e ações de rebaixamento da condição da mulher? Quais são as tensões que emergem no embate entre populismo e o feminismo? Nosso percurso parte da noção do contexto, com o filósofo pragmatista John Dewey, buscando dar a ver as crenças baseadas na moralidade machista costumeira, e quais as consequências práticas enfrentadas pelas mulheres que atuam no campo da política em Mato Grosso, analisando casos cotidianos de violência e preconceito explícito. Nosso estudo trabalha também as interfaces do estado da cultura política, com as noções do filósofo

Leszek Kolakowski, apreendendo as relações do populismo com as formas de expressão do preconceito contra as mulheres. Trata-se de uma crítica a um tipo de populismo de viés autoritário. Tal populismo carrega em si o vírus da ditadura e a disfunção antidemocrática da ideia de verdade única. Trazemos para o debate a discussão sobre o machismo radical, uma patologia, neste contexto do populismo autoritário que rebaixa e ameaça as possibilidades democráticas de uma sociedade de conflitos que validam o próprio autoconhecimento desta sociedade. O eixo teórico é a ideia relacional da comunicação com Vera França, nas instâncias básicas da interlocução entre os sujeitos; a materialidade simbólica (o discurso) e o contexto cultural e político. Os conceitos operadores são de enquadramento com Erving Goffman, como o que representa o conjunto de mensagens e/ou ações significativas no caso da cultura do machismo. E a teoria feminista de Bell Hooks que amplia o debate com olhar para raça, gênero e classe social e a conexão com sistemas de dominação e opressão. Trabalhamos com um corpus de casos no contexto mediático de ataques verbais de políticos da extrema direita contra mulheres, dando a ver como a cultura do machismo marca as relações na política em Mato Grosso. Acreditamos que nosso estudo está situado no contexto contemporâneo das apreensões e reflexões sobre os embates crescentes entre posições machistas extremistas e o ativismo feminista. Como exemplos de ordem global, podemos citar o “Red Pill”, termo utilizado para um movimento de homens que defendem uma “masculinidade dominante” e o movimento feminista “Machismo Reverso”, o “Women in Male Fields”, este que marca presença nos Estados Unidos e Europa nas redes sociais, principalmente do Threads e do TikTok, e cuja a ação comunicativa é a produção de frases machistas, mas com homens sendo tratados como as mulheres são no dia-a-dia, uma espécie de denúncia

dos comportamentos masculinos considerados tóxicos contra as mulheres. Em contraponto ao machismo reverso, existem movimentos nas redes sociais em apoio à cultura da supremacia masculina, com mulheres se gabando de serem “esposas tradicionais” e “esposas troféus”.

O ‘MIDIALIVRISMO’ DE DIREITA NO BRASIL NO CONTEXTO DO EXTREMISMO POLÍTICO ON-LINE

Autor

Mauro Ventura (UNESP – Universidade Estadual Paulista)

Resumo

Desde o final do século XX, a sociedade brasileira vivencia, no âmbito da comunicação midiática, um processo crescente de convergência digital, em que os grandes conglomerados de mídia passaram a integrar suas diferentes operações, criando plataformas e produtos noticiosos híbridos. Ao mesmo tempo, verificou-se, como resultado de políticas públicas para o setor, mas também em decorrência das novas tecnologias, uma maior democratização das formas de acesso à informação, transformando e diversificando o espaço público midiático por meio da atuação de coletivos jornalísticos criados fora do eixo das mídias tradicionais, como Mídia Ninja, Ópera Mundi, Think Olga, Jornalistas Livres, entre tantos outros.

Como consequência dessas dinâmicas, o exercício da política, vinculado em maior ou menor grau a um processo de midiatização, também passou por transformações. O que até então era feito por intermédio dos veículos de imprensa, agora passou a ocorrer de modo direto, provocando um movimento de desintermediação da política.

Verifica-se, assim, uma mudança fundamental no ambiente comunicacional, que pode ser sintetizada no conceito de “autocomunicação”, expressão cunhada por Castells (2013). De acordo com o autor, “a produção de mensagens é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada”. (Castells, 2013: 15)

Neste cenário, os novos protagonistas desta autocomunicação de massa ganham autonomia em relação às mídias tradicionais. Ora, foram as redes sociais, que tiveram um papel determinante nas manifestações de Junho de 2013 no Brasil, na Primavera Árabe e em movimentos similares na Espanha, além do Occupy Wall Street, nos Estados Unidos. Assim, vivemos agora em uma sociedade sem intermediação, e que, num primeiro momento, parecia ser capaz de realizar o sonho utópico de uma sociedade autonomista.

Mas o sonho durou pouco. Afinal, as redes sociais e as ferramentas de auto-publicação surgiram no contexto da economia tecnológica e seus produtos precisam trazer rentabilidade. A aglutinação dos perfis de rede social em 'bolhas' acarretaram o encarceramento das pessoas em grupos afins, sem espaço para o contraditório. São as preferências e afinidades comuns que propiciam a conexão; são as afinidades eletivas produzidas pelo algoritmo que agora dão as cartas, gerando seguidores em busca de "influenciadores" com os quais se identifiquem. Nessa nova midiosfera, não há espaço para notícias que desagradem o leitor. Retomando uma antiga nomenclatura, surgida ainda nos primeiros estágios da sociedade me rede, cada um tem agora o "seu jornal", a "sua revista", perfeitamente inseridas na própria 'bolha'.

A partir deste cenário, propõe-se aqui uma investigação teórica sobre a cobertura jornalística e os valores-notícia identificados nas mídias digitais de extrema direita no Brasil atual. A pesquisa se completa com um estudo de caso sobre a revista digital Oeste, que pode ser caracterizada como um exemplo de "midialivismo de direita", surgido no contexto do extremismo on-line durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Sob a perspectiva do conceito de "paradigma jornalístico", desenvolvido por Charron e Bonville (2023), serão estudados os pre-

ceitos editoriais defendidos pela Revista Oeste, buscando elucidar de que forma tais valores se configuram no seu conceito de notícia e nos processos de seleção dos fatos e posterior construção do relato jornalístico. A análise se concentra nas reportagens de capa da Revista Oeste, nos anos de 2023-2024, que correspondem aos dois primeiros anos de mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva. A revista Oeste surgiu há quatro anos no contexto de expansão do fenômeno do midialivismo e, dentro deste, do recente fenômeno da midiosfera de direita, identificando-se com uma linha de pensamento liberal na economia e conservadora nos costumes. Do ponto de vista metodológico, as reportagens de capa da revista Oeste serão estudadas por meio de uma análise interpretativa de cunho político-ideológico, buscando estabelecer relações entre os posicionamentos da revista expressos em seus Editoriais e o modo como tais valores-notícia se configuram na sua cobertura jornalística. Partimos do pressuposto de que esta publicação pode ser considerada uma mídia que põe em prática o jornalismo profissional, distanciando-se assim de toda a cacofonia da internet e das plataformas de autopublicação que não podem ser consideradas como mídias jornalísticas. Este pressuposto repousa sobre a noção de que a prática jornalística baseia-se num conjunto de convenções, normas profissionais e códigos que precisam ser observados e que constituem o que Charron e Bonville denominam de paradigma jornalístico. A proposta é estudar o midialivismo de direita a partir deste conceito, examinando tanto a dimensão teórica quanto empírica que informa a práxis jornalística da Revista Oeste. Interessa-nos, assim, caracterizar esse jornalismo ativista de direita, que parece fundar-se não na busca da verdade nem tampouco na prática da objetividade, mas em convicções ideológicas conservadoras, e até extremistas, que definem previamente sua praxis jornalística.

SESSÃO 5

A METAMORFOSE DA CORREÇÃO POLÍTICA NUM PARTIDO ANTISSISTEMA?: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS ELEITORAIS DO CHEGA

Autores

Leandro Ferreira Matias (Cátedra Jean Monnet / POLMEDIA_EU / UBI)

Helena Cristina Carlão Areias (Cátedra Jean Monnet / POLMEDIA_EU / UBI)

João Gabriel Amorim de Paula Silva (Cátedra Jean Monnet / POLMEDIA_EU / UBI)

Mariana Alexandra Morais Gonçalves (Cátedra Jean Monnet / POLMEDIA_EU / UBI)

Resumo

A sociedade atual, caracterizada pela interligação global e pela diversidade democrática, é palco de um fenómeno cultural complexo, intrigante e em constante mudança: o “politicamente correto”. Originado em contextos progressistas, este fenómeno, frequentemente discutido e muitas vezes mal compreendido, tece uma teia complexa entre a linguagem que usamos, as normas aceites e as ideologias que moldam o nosso pensamento coletivo. No centro desta dinâmica está a intersecção entre conformidade e ideologia. Aqui, a procura por uma linguagem mais inclusiva e consciente entra em conflito com o desejo de preservar a liberdade individual de expressão. Esta tensão manifesta-se de forma particularmente aguda no discurso político, especialmente entre partidos populistas que frequentemente se posicionam contra o que consideram ser os “excessos” do politicamente correto.

Os partidos, ao elaborarem os seus programas, demonstram (e/ou omitem) a sua posição face a múltiplos temas, adaptan-

do a sua linguagem, que pode ser considerada como ofensiva, abusiva ou potencialmente incompreendida a fim de atrair diferentes grupos do eleitorado. Além da adaptação linguística, os partidos recorrem também à omissão estratégica de temas ou à formulação de propostas vagas para evitar posições claras sobre questões controversas, minimizando o risco de alienação. A “correção política” influencia, desta maneira, a forma como os partidos comunicam as suas propostas, quer seja evitando um determinado vernáculo, quer seja desafiando as normas e apresentando-se como “vozes autênticas”.

No entanto, esta dinâmica assume contornos específicos no caso de partidos populistas como o CHEGA, que frequentemente capitalizam na rejeição como estratégia central de mobilização. Partidos como o CHEGA apresentam-se como genuínos representantes dos interesses populares, confrontando as elites e reivindicando a liberdade de expressão, falando a “verdade” sem censura ou eufemismos. Enquanto partidos que confrontam as normas sociais e o discurso dominante, baseiam-se numa identidade anti-establishment para dar voz aos marginalizados pelas elites e mobilizam uma estratégia que mobiliza um eleitorado com valores tradicionais. No entanto, e apesar desta atitude permitir a mobilização de um eleitorado específico, é ainda necessário considerar que essa rejeição não é necessariamente estática. Observa-se uma moderação global na sua expressão, uma adaptação estratégica de linguagem, representando uma forma mais eficaz de disseminar as suas ideias num contexto social em constante mu-

dança, evitando a rejeição imediata por um grupo de eleitorado.

Este trabalho propõe-se, então, a uma análise do fenómeno da “correção política” e considera as suas raízes históricas, interação com ideologias existentes e impacto na dinâmica social contemporânea, a fim de averiguarmos os desafios na implementação da “correção política” e na construção da narrativa e dos programas políticos.

Ao longo deste trabalho, mergulharemos nas complexidades do “politicamente correto”, analisando o caso prático do partido português CHEGA, em concreto, com base na análise do programa eleitoral de 2019, o seu primeiro e o mais recente programa eleitoral de 2024. Almejamos, portanto, desvendar as tensões entre a procura por uma linguagem mais inclusiva e os desafios de preservar a sua identidade ideológica.

Para isto, ter-se-á como foco principal a resposta à seguinte pergunta de investigação: De que forma a essência da correção política é compreendida nas alterações dos programas eleitorais do Chega? Assim, através deste estudo de caso comparativo, procura-se, pela análise interpretativa, compreender o enquadramento do CHEGA na sua própria realidade e na literatura académica aproximada disponível.

Neste sentido, é possível retirar deste estudo, de forma ainda preliminar, essencialmente, 3 conclusões relevantes do estudo cruzado entre os programas eleitorais do CHEGA e a correção política. Em primeiro lugar, é possível observar uma moderação global, no sentido desta correção da postura política. Contudo, reconhecendo-se uma contínua presença do confronto ao “politicamente correto”, não é possível, contudo, verificar-se de uma forma conclusiva uma abrasão do declive ideológico visível.

Em segundo lugar, pode verificar-se a crítica constante a um modelo ‘corretor’, rejeitando os avanços da “agenda globalista, neomarxista ‘woke’”. Em ambos os programas é possível compreender esta dissonância com uma criação própria do que é o ‘sistema’. Aliás, logo no seu primeiro programa, em 2019, falando sobre a implementação de uma 4ª República, o partido refere que “Um núcleo de bases políticas que pretenda atingir estes objectivos será, necessariamente, um documento politicamente incorrecto.” Rematando com: “Este, é-o seguramente”. Esta crítica, embora transversal, aponta para uma alteração quer da sua distribuição temática quer dos próprios conceitos e termos aplicados, apontando-se para uma correção estratégica.

Por último lugar, de forma ainda exploratória, pode ter-se que o CHEGA molda esta correção política, internamente, para que se permita criar mais do que uma única narrativa. Por outras palavras, o CHEGA permite-se à flutuação da utilização de termos mais hostis, utilizando-se do plano eleitoral como um elemento mais moderado face à demonstração discursiva dos seus elementos.

Da bateria de testes realizada foi possível observar algumas possibilidades novas de testagem, como a compreensão do nível de utilização de determinados termos ou de tópicos de interesse, tal como o seu consecutivo cruzamento. Em última análise, este trabalho pretende oferecer uma visão abrangente de como a conformidade e a ideologia se entrelaçam no fenómeno da “correção política”, nomeadamente do partido CHEGA, demonstrando como este conceito molda as narrativas políticas em contextos nacionais específicos e delinea os contornos de um diálogo partidário cada vez mais desafiante.

“NEM MAIS UMA”: UMA TEMATIZAÇÃO DO DISCURSO SOBRE MULHERES DA DEPUTADA RITA MATIAS DO PARTIDO CHEGA NO TIKTOK

Autores

Catarina Magalhães (Universidade de Coimbra / CEIS20)

Inês Rua (Universidade de Coimbra)

Resumo

Os rostos femininos do conservadorismo europeu têm vindo a crescer. Mulheres como Marine Le Pen e Marion Maréchal (França), Frauke Petry (Alemanha), Beata Szydło (Polónia), Anke Van Dermeersch (Bélgica), Alessandra Mussolini e Giorgia Meloni (Itália), Pia Kjaesgaard (Dinamarca) ou Siv Jensen (Noruega) têm-se destacado nesta vanguarda de mulheres políticas conservadoras.

As agendas seguidas pelos partidos da direita radical e conservadora na Europa são diversas e variam de país para país (Mudde, 2020), pelo que também os discursos destas mulheres são distintos. Tendo presente essas diferenças, as suas narrativas pautam-se, ainda assim, por raízes e valores tradicionalistas, campanhas anti-imigração e anti-corrupção, bem como por um discurso securitário (Mendes, 2021; Mudde, 2020).

Os seus discursos em defesa dos direitos das mulheres não encontram apoio por parte dos feminismos e elas próprias procuram, muitas vezes, afastar-se deles com a reprovação permanente ao que enquadram como “ideologia de género” (Garraio & Toldy, 2020; Serrano-Amaya, 2019). A terminologia “ideologia de género” começou a tornar-se controversa principalmente a partir de 1990 quando passou a ser usada de forma pejorativa por alguns atores religiosos e políticos (Garraio & Toldy, 2020). Tendo estreita ligação (mas não exclusiva) com os discursos veiculados pelos partidos populistas

de direita radical (Mudde, 2020), apoiantes da “anti-ideologia de género” têm-se mobilizado num movimento global que pretende combater e revogar as mudanças sociais ocorridas nos últimos anos fruto do trabalho dos movimentos feministas e de pessoas LGBTQIAP+ (Garraio & Toldy, 2020; Serrano-Amaya, 2019).

Neste crescimento de mulheres na liderança e com uma voz ativa destas políticas, em Portugal, Rita Matias, deputada eleita pela primeira vez, pelo círculo eleitoral de Setúbal, nas eleições legislativas portuguesas de 2022, tem-se assumido como a figura feminina do partido Chega com maior destaque (Martins & Cabrera, 2023). Posicionando-se como antifeminista durante a sua campanha eleitoral (Martins & Cabrera, 2023), foi ganhando atenção pública e os média portugueses não têm estado indiferentes à sua presença. Neste seguimento, o seu papel e a sua interação com o eleitorado do partido - particularmente, o jovem - têm feito capa das revistas semanais *Sábado* (Malhado & Nunes, 2024) e da *Visão* (Anjos, 2024), nomeadamente pela sua comunicação nas redes sociais digitais do partido e nas suas contas públicas. Adotando uma estratégia de comunicação política frequente na atualidade pela direita radical (Martínez & Morilla, 2021), Rita Matias tem feito uso das suas redes sociais digitais, como o TikTok, para garantir visibilidade pública sobre as suas agendas políticas e do partido que integra.

Perante isto, através de uma análise temática crítica (Lawless & Chen, 2018), esta investigação procura analisar a representação do discurso sobre mulheres da deputada Rita Matias na rede social digital TikTok (@ritamariamatias_ch). A par disso, pretende-se compreender quais as agendas temáticas e as práticas discursivas utilizadas pela deputada de um partido de direita radical (Mendes, 2021; Mudde, 2020) e o potencial cruzamento do discurso sobre mulheres com os temas caros à

agenda dos partidos populistas de direita radical (Mendes, 2021; Mudde, 2020; Mudde & Kaltwasser, 2017).

Das 107 publicações encontradas, foram selecionadas e analisadas 30 (28% das publicações), referentes a discursos sobre mulheres, no TikTok de Rita Matias desde que foi eleita deputada pela primeira vez, em outubro de 2022, sendo o primeiro vídeo de 2 novembro de 2022 e o último de 30 de dezembro de 2024. Da análise, foram identificados 3 temas: “Transgeneridade e ocupação de lugares das mulheres”; “Imigração como ameaça às mulheres” e “Críticas à hipocrisia da Esquerda e dos Feminismos”. Destes, o primeiro é o que mais se destaca em quase metade do corpus (13 vídeos).

Os resultados denotam que as práticas discursivas utilizadas no TikTok da deputada Rita Matias promovem uma narrativa de medo e de pânico moral com uma crítica reiterada aos movimentos feministas e às políticas de Esquerda de não protegerem verdadeiramente as mulheres dos perigos que enfrentam. Com uma crítica constante à “ideologia de género”, as pessoas transgénero são mobilizadas como uma ameaça que pretende ocupar os lugares das mulheres. Além disso, na confluência entre género e populismo, os direitos das mulheres são apropriados como forma de promover outras agendas habituais da direita radical, como campanhas anti-imigração e a visão da família heteronormativa como base da estrutura social.

O PERFIL DE ANDRÉ VENTURA NO TIKTOK: A COMUNICAÇÃO DO REPRESENTANTE DO PARTIDO CHEGA! EM PORTUGAL

Autor

Danielly Bezerra Santos (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco / UBI)
Anabela Gradim Alves (LabCom-UBI)

Resumo

A condição da democracia liberal na contemporaneidade está a ser discutida com cada vez mais centralidade nas reflexões académicas e na opinião pública de maneira geral. A frustração geral da população com as instituições democráticas no Ocidente já vem sendo apontada desde os idos da crise financeira global de 2008, e as quase duas décadas que se seguiram a este fato marcante se tornaram espaço para críticas sobre as formas de organização da vida social a partir dos Estados, ou de sua capacidade em gerir os dilemas urbanos mais recentes, e a ascensão gradual de partidos políticos de extrema-direita se mostrou recorrente e digno de um sinal de alerta (Casarões, 2024).

A democracia é o modelo pelo qual se realiza a política, mas não é por si mesma a materialização de resultados econômicos (ou de infraestrutura, saúde ou educação), de modo que as queixas ao sistema democrático como o culpado pelas falhas na condução de ativos econômicos que se traduzem na qualidade de vida das pessoas tem se revertido em uma descrença para com a democracia enquanto método pacificado de funcionamento das sociedades. A democracia, que deve ser compreendida enquanto âmbito que permite a realização de debates e das escolhas de políticas públicas que beneficiem a sociedade, se vê afetada pela frustração geral diante da falta de resultados e entregas por parte do poder público e das instituições de Estado em geral.

Outro ponto importante pode ser as divergências a respeito do conceito de democracia (liberdades gerais fundamentais, sistema de freios e contrapesos, equilíbrio entre os poderes e entre as instituições de Estado). Um redirecionamento no significado e nas possibilidades da democracia pode representar uma inversão de valores sobre a importância e a garantia da democracia nas sociedades atualmente, e disputas em torno do que as leis e o estado democrático de direito representam podem explicar o alinhamento dos numerosos grupos sociais às retóricas que polarizam e instrumentalizam o conceito de democracia (seja interpretando-a erroneamente como elemento partidarizado, seja afrontando-a segundo arroubos reacionários e totalitários) (Casarões, 2024).

O exemplo mais recente, sobre as eleições presidenciais dos Estados Unidos que deram vitória a Donald Trump, foram a mostra de um resgate sobre a problemática de um governo de extrema-direita instalado em um país com modelo democrático estabelecido. Os objetivos de campanha, alinhados ao plano de governo, sugerem uma intensificação para os próximos anos de um modus operandi iniciado na década anterior: a transformação ou deturpação gradual de um sistema político e burocrático a partir de dentro do próprio sistema. Segundo Yascha Mounk (2024), as rupturas atuais não se dão segundo o clássico do século XX com guerras e mudanças muito claras de regime; no estilo contemporâneo os autocratas atuam no sequestro e esfarelamento da democracia segundo uma agenda de sabotagem das instituições democráticas/de Estado a partir de entrada e comando do próprio sistema, por vias, inclusive, democráticas.

A forma de operação da extrema-direita trumpista encontrou um largo espaço para proliferação ao redor da América Latina e é possível perceber uma tendência de repetição de padrões estabelecidos por Donald

Trump (2016-2020) no governo de Jair Bolsonaro no Brasil (2018-2022). O recurso da retórica e o impacto das narrativas, além de uma ênfase religiosa e um frontal ataque ao jornalismo profissional são aspectos centrais desta quadra nas Américas - e que se prolongou na Argentina de Javier Milei já após as saídas dos líderes citados.

Neste quesito, parece haver uma certa diferenciação entre os modos de chegada ao poder da extrema-direita nas Américas e em outras partes do mundo, a exemplo do regime húngaro de Viktor Orbán (2010-). Com esta hipótese condutora, este texto traz uma proposta de investigação sobre as temáticas mobilizadas pelo partido político 'Chega!' em Portugal, mais especificamente no perfil de André Ventura na rede social TikTok (identificado como @andre_ventura_oficial). O corpus estará concentrado em um mês de postagens onde serão catalogados os assuntos principais onde estão focados (categorizados a partir dos grandes temas gerais como saúde, política, educação, economia, imigração), observando-se ainda o número de visualizações dos vídeos e o número de comentários deixados. A partir desta análise, que poderá utilizar técnicas de Análise de Conteúdo clássica (Bardin, 1977) ou Análise retórica (Bauer & Gaskell, 2002), espera-se que este estudo possa trazer luz às formas como a extrema-direita tem buscado construir sua viabilização política para ascensão no contexto nacional português.

A COMUNICAÇÃO POLÍTICA DE ANDRÉ VENTURA – UMA ANÁLISE À UTILIZAÇÃO DO INSTAGRAM DURANTE O PERÍODO DE DEBATE E VOTAÇÃO DO ORÇAMENTO DE ESTADO PARA 2025

Autores

Rita Deodatos (UBI)

Bruno Ferreira Costa (UBI)

Resumo

O crescimento exponencial do Chega desde a sua estreia no parlamento nacional português, em 2019, constitui um objeto de estudo de análise relevante no quadro da ciência política, particularmente no que se refere ao uso estratégico das redes sociais para captar a atenção do público-alvo e estabelecimento de uma comunicação eficaz com os eleitores, essencial para a disseminação da sua mensagem política. No contexto europeu regista-se um crescimento considerável dos partidos integrados nas famílias políticas da direita radical (ECR, PFE e ESN), estando o Chega integrado no grupo “Patriots for Europe” (integração realizada após as europeias de maio de 2024).

Num contexto de crescente polarização política e da crescente relevância das redes sociais como palco de campanhas eleitorais e disseminação de mensagens políticas, é essencial compreender como os partidos e os respetivos líderes políticos utilizam essas plataformas para afirmar os seus projetos políticos.

A presente investigação centra-se no estudo e na análise da utilização do Instagram por parte de André Ventura, líder do Chega. A opção pelo estudo do líder do partido resulta de quatro fatores determinantes: André Ventura lidera o partido desde a sua fundação (em 2019); tem sido candidato sistemático do partido a diversas eleições, nomeadamente liderando as eleições legislativas no círculo eleitoral de Lisboa; regista-se um elevado grau de

personalização da referida liderança e o facto de André Ventura ser o líder partidário em Portugal com o maior número de seguidores nas redes sociais. A opção pela conta oficial do Instagram vai ao encontro da diversificação de estudos que incidem sobre as redes sociais, sendo o Instagram uma das plataformas mais utilizadas por André Ventura e onde agrega mais de 434 mil seguidores.

O foco da presente investigação centra-se no período anterior ao debate e votação do Orçamento de Estado para 2025 (OE25), considerando que a votação do OE25 foi considerada determinante para a estabilidade política e continuação da governação do atual executivo, liderado por Luís Montenegro. Para o desenvolvimento da investigação delineamos duas questões orientadoras: de que modo o debate em torno do OE25 esteve presente e foi abordado por André Ventura na sua conta oficial no Instagram

Opta-se, neste caso, por uma abordagem mista, fazendo uso da análise de conteúdo e dos contributos de Berelson (1952), Bardin (1977) e Benoit (2022) para analisar as publicações selecionadas no período anterior ao debate do Orçamento de Estado e uma vertente descritiva associada às reações observadas a cada publicação. Em relação ao período selecionado irão ser analisadas as publicações registadas de 06 de setembro (data de regresso ao trabalho dos deputados após as férias de verão) e 29 de novembro, data da votação final global do OE.

A análise dos dados permite observar uma utilização intensa do Instagram (apenas analisamos as publicações no feed e não as histórias), o uso regular de fotos de André Ventura em cada publicação e um destaque acentuado nos temas que fazem parte da linha programática central do Chega, nomeadamente a questão da segurança e da imigração. Por sua

vez, não se observa um destaque acentuado à questão do Orçamento de Estado, mas sim uma referência constante a sondagens favoráveis ou manifestações organizadas pelo Partido.

O estudo pretende ser um contributo para a literatura e o debate em torno do crescimento das forças políticas da direita radical, num momento em que vários partidos deste quadrante político se encontram a exercer posições de poder no contexto europeu e todas baseiam a sua estratégia de comunicação no recurso às redes sociais provendo uma comunicação mais direta e imediata com o eleitor e lutando dessa forma para captar a sua atenção de forma mais eficaz.

SESSÃO 6

DEMOCRACIA ALGORÍTMICA OU MANIPULAÇÃO SILENCIOSA?

Autores

Fátima Santos (LabCom-UBI)

Bárbara Biolchi (LabCom-UBI)

Resumo

Os avanços recentes da inteligência artificial generativa (IAG), nomeadamente em modelos de Large Language Models (LLMs), como o ChatGPT da OpenAI, têm transformado o processamento de linguagem natural, permitindo a geração de respostas textuais altamente humanas e acessíveis a um público amplo. Desde o seu lançamento em 2022, com base no GPT-3.5 e, posteriormente, no GPT-4, estas tecnologias têm impulsionado o desenvolvimento de ferramentas como o Grok (X), o Gemini do Google, o Copilot da Microsoft e o sistema de IA da Apple, conhecido como Apple Intelligence. Estas plataformas utilizam IAG para sintetizar e apresentar informações, muitas vezes em tempo real, promovendo acessibilidade, mas levantando simultaneamente preocupações éticas e regulatórias (McGrath et al., 2024).

Num cenário de crescente fluxo informacional, redes sociais e meios de comunicação recorrem a ferramentas de IA para sintetizar conteúdos. Essa crescente integração de IA está a moldar significativamente a forma como as pessoas consomem e percebem a informação, ao mesmo tempo em que impõe desafios no combate à desinformação e na promoção da literacia digital.

Embora as “novas” tecnologias, como a IAG ofereçam benefícios inegáveis, elas tam-

bém introduzem riscos consideráveis. A capacidade destes sistemas de não apenas selecionar conteúdos, mas também tomar decisões independentes e inesperadas, levanta questões críticas. Harari (2024) alerta para o risco de bots “sequestrarem” a interação humana, enquanto Gillespie (2014) destaca o crescente poder social e político dos algoritmos, frequentemente utilizados para determinar a relevância da informação em mecanismos de busca, redes sociais e sistemas de recomendação.

As tecnologias exponenciais, como a IA, carregam riscos inerentes ao seu funcionamento, incluindo vieses algorítmicos, desinformação e a criação de bolhas de filtro (Pocino, 2021). Até ao momento, o desenvolvimento desse tipo de tecnologia tem sido caracterizado por um alto grau de opacidade, o que gera dúvidas sobre a origem e a confiabilidade das informações, bem como sobre as decisões humanas incorporadas aos algoritmos e os critérios que orientam o seu funcionamento. Esses sistemas operam como ‘caixas-pretas’, cuja complexidade e falta de transparência desafiam as possibilidades de escrutínio e compreensão, dificultando a avaliação do alcance de seu poder e influência (Diakopoulos, 2015).

O uso massificado de sistemas de IA, como o ChatGPT, tem implicações profundas para a tomada de decisões, tanto individuais quanto coletivas, afetando questões cruciais em sociedades democráticas. Na busca por colmatar os riscos associados a estes sistemas e, ao mesmo tempo, assegurar condições para a inovação sem comprometer a proteção de direitos fundamentais (Buiten, 2019), diversas inicia-

tivas regulatórias estão a ser discutidas e aprovadas globalmente. Nesse sentido, a União Europeia (UE) se destaca por ter apresentado o primeiro quadro jurídico destinado a balizar a disponibilização comercial, a operação e a utilização de IA. Este tipo de regulação, no entanto, ainda esbarra tanto na viabilidade de aplicação e fiscalização da lei, como na disposição das grandes tecnológicas para adequarem os seus desenvolvimentos.

Este artigo examina como os sistemas de IA, treinados através de aprendizagem automática, estão a moldar de forma subtil, mas significativa, o processo democrático. Vieses algorítmicos e práticas opacas influenciam a nossa percepção da realidade, levantando preocupações sobre o uso destas tecnologias como instrumentos de manipulação em larga escala. Operadas por gigantes tecnológicos, estas ferramentas tiram partido das lacunas na literacia digital dos cidadãos, amplificando o seu impacto.

Serão analisadas duas ferramentas que partilham a funcionalidade de criar resumos utilizando IAG que têm sido associados à disseminação de desinformação, embora utilizem fontes de conteúdo diferentes. O Grok, desenvolvido pela xAI de Elon Musk, utiliza modelos de LLMs para gerar respostas baseadas em tweets. Por outro lado, a Apple introduziu uma ferramenta de IAG que resume notificações de notícias. Recentemente, essa ferramenta gerou resumos imprecisos de notícias, o que levou a críticas sobre a precisão e a responsabilidade na disseminação de informações.

Através de uma abordagem mista, que combina análises qualitativas e quantitativas numa análise comparativa dos resumos gerados pelas duas ferramentas, o estudo pretende responder às seguintes perguntas de pesquisa: P1: Quais padrões de desinformação podem ser identificados nos casos analisados?

P2: Em que medida as fontes utilizadas (tweets no Grok e notícias na ferramenta da Apple) influenciam a qualidade e a precisão dos resumos gerados?

Serão analisados critérios como precisão (grau de exatidão em relação às fontes originais) e potenciais vieses. A análise qualitativa permitirá identificar padrões e narrativas emergentes, através da análise de conteúdo, que envolverá a avaliação do contexto e das relações entre as informações. A abordagem quantitativa, por sua vez, focar-se-á na avaliação da frequência e distribuição de erros, permitindo medir a incidência de imprecisões nos resumos. De uma forma geral, os contributos deste estudo passam por reflexões sobre os impactos sociais, políticos e éticos das ferramentas de IA generativa, promovendo uma análise crítica do seu uso no contexto democrático. Ao abordar questões cruciais, como a disseminação de desinformação e a manipulação da percepção pública, o estudo oferece uma análise crítica que pode fornecer insights para legisladores e reguladores. Além disso, sublinha a importância de promover a literacia digital, capacitando os cidadãos a interpretar criticamente conteúdos gerados por IA, mitigando os seus impactos negativos.

O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA NA COMUNICAÇÃO POLÍTICA

Autor

Samuel Mateus (Universidade da Madeira – LabCom)

Resumo

Este artigo analisa o impacto da inteligência artificial generativa na comunicação política, examinando tanto os riscos como as oportunidades para os processos democráticos. Os riscos identificados distribuem-se por três categorias principais: cognitivos, processuais e de governança institucional. No domínio cognitivo, a IA generativa pode amplificar a desinformação, reforçar enviesamentos políticos, acentuar a polarização e contribuir para a erosão da confiança nas instituições. Quanto aos processos democráticos, o perfilamento psicológico, o nudging e os deepfakes representam ameaças significativas à relação entre cidadãos e representantes políticos. A nível institucional, as aplicações de aconselhamento de voto e a concentração de poder em entidades tecnológicas colocam desafios à governança democrática.

Contudo, a IA também apresenta oportunidades significativas para fortalecer a democracia: no campo cognitivo, pode auxiliar na verificação de factos e no combate à desinformação; a nível processual, pode melhorar a tomada de decisão política e amplificar vozes marginalizadas; e institucionalmente, pode aumentar a eficiência dos serviços públicos e possibilitar novas formas de participação cívica, como os modelos de “democracia líquida”.

Conclui-se que a IA generativa tornar-se-á um agente-chave no funcionamento democrático, com o potencial tanto para minar como para melhorar a democracia, sendo necessário superar visões simplistas sobre o seu papel nas sociedades contemporâneas.

TROÇA E MASCULINIDADE: A IRONIA COMO ARMA POLÍTICA CONTRA AS AGENDAS FEMINISTAS INCLUSIVAS

Autora

Naíde Muller (Universidade Católica Portuguesa)

Resumo

O uso estratégico da ironia e do humor tem surgido como uma ferramenta retórica significativa no discurso político, muitas vezes armada para deslegitimar agendas feministas e inclusivas. Este artigo analisa como essas táticas são utilizadas globalmente, e em Portugal, para minar movimentos progressistas, alinhar-se com estruturas patriarcais e exacerbar a polarização social. A partir dos contextos global e português, explora as implicações mais amplas para a democracia, coesão social e o papel das emoções na mobilização política.

No contexto dos discursos populistas, a ironia e o escárnio funcionam como mecanismos para trivializar questões sociais críticas, ao mesmo tempo que reforçam ideologias discriminatórias. Como observado nos movimentos conservadores globalmente, slogans feministas são apropriados, e políticas sobre igualdade de género e racial são satirizadas, reformulando iniciativas progressistas como absurdas ou elitistas. Essas táticas servem para desconectar tais iniciativas do “cidadão comum,” apresentando-as como irrelevantes ou invasivas. Esta tendência global é refletida em Portugal, onde as críticas à linguagem neutra em termos de género e os comentários sarcásticos sobre os movimentos feministas e LGBTQIA+ são enquadrados como ameaças aos valores culturais tradicionais (Martins & Cabrera, 2023; Marchi, 2022; Santos, 2021).

A crítica cultural da masculinidade exemplifica ainda mais como a ironia se cruza com as narrativas patriarcais regressi-

vas, uma vez que as representações da masculinidade frequentemente oscilam entre vitimização e agressão (Connell & Messerschmidt, 2005). Esta dualidade reflete-se numa retórica que posiciona os homens como “sob cerco” pelos ideais feministas, utilizando o sarcasmo para redefinir a igualdade como “opressão.” Tais narrativas fomentam o ressentimento coletivo, armando a masculinidade tóxica para legitimar políticas excludentes. Essas estratégias retóricas evidenciam como certos tipos de masculinidade podem ser trivializados como “lixo.” Atendência reflete uma evolução regressiva geracional, onde os filhos de homens da classe média-alta, educados e outrora isentos — que antes escapavam ao rótulo de “lixo” imposto pelas expectativas sociais — são agora cada vez mais vistos como personificando a mesma classificação depreciativa. Esta mudança sublinha a perpetuação cíclica de atitudes patriarcais e o desiludido estado social, destacando como as narrativas culturais sistêmicas em torno da masculinidade continuam a evoluir, frequentemente reforçando desigualdades enraizadas (Lopes, 2024).

As redes sociais amplificam essas dinâmicas, oferecendo uma plataforma para que o conteúdo irónico e sarcástico alcance grandes audiências. A disseminação rápida de tal material reforça identidades polarizadas e deslegitima vozes dissidentes. Em Portugal, isso é evidente no uso de memes como slogans feministas como “O futuro é feminino,” criando contra-narrativas como “O futuro é masculino.” Essas práticas trivializam as agendas feministas e exacerbam as divisões sociais, alinhando-se com estratégias mais amplas vistas globalmente (Marchi, 2022).

Essas estratégias retóricas alinham-se com perspectivas teóricas sobre o papel das emoções nas mobilizações coletivas. Leal, Goulart e Campello (2024) argumentam que emoções como o ressentimento e

a indignação são centrais no envolvimento político, capazes de mobilizar tanto movimentos progressistas quanto reacionários. Em Portugal, a retórica anti-progressista utiliza a nostalgia por papéis tradicionais e os medos de erosão cultural para envolver emocionalmente o público, reforçando narrativas divisivas.

Globalmente, a relação entre ironia e verdade no discurso político tem sido objeto de foco académico. Hannah Arendt (1967) destacou a fragilidade da verdade sob distorções propagandísticas, um tema repetido em análises contemporâneas como *Your Body, My Choice* (Tolentino, 2024). A ironia e o humor são frequentemente empregados para manipular a percepção pública, apresentando ideologias regressivas como senso comum enquanto desconsideram as opiniões contrárias como excessivamente emocionais ou autoritárias. Isso é particularmente relevante na forma como a retórica populista mistura apelos emocionais com crítica satírica para normalizar ideologias excludentes.

A ascensão da retórica populista destaca como a ironia contribui para a institucionalização de estratégias comunicacionais divisivas. Em Portugal, as críticas às iniciativas de igualdade de género são enquadradas como desnecessárias ou até prejudiciais ao progresso social. Tal retórica consolida o poder ao apelar a um senso coletivo de nostalgia e ressentimento, aprofundando ainda mais a polarização social (Erdocia, 2022).

A ironia e o escárnio, quando armados, trivializam as agendas inclusivas, aprofundam as divisões sociais e minam o diálogo construtivo. No entanto, o humor também detém potencial como ferramenta de resistência, como notado por Sundén e Paasonen (2021), que destacam a sua natureza ambígua em fomentar engajamento ou dano. Este artigo argumenta a favor de um envolvimento crítico com as dimen-

sões retóricas e afetivas do humor para contrariar o seu uso divisivo e sustentar os valores democráticos. Ao examinar essas estratégias nos contextos global e português, este estudo contribui para a compreensão de como ferramentas afetivas e retóricas moldam o discurso político contemporâneo.

SESSÃO 7

POLARIZAÇÃO AFETIVA E REDES SOCIAIS: DESAFIOS PARA AS SOCIEDADES ABERTAS NA ERA DO POPULISMO

Autor

Gil Batista Ferreira (Instituto Politécnico de Coimbra / LabCom UBI)

Resumo

A presente comunicação propõe-se analisar os desafios contemporâneos enfrentados pelas sociedades abertas, face ao crescimento do populismo mediado pelas redes sociais. Revisitando o conceito de “sociedade aberta” de Karl Popper, avalia como a polarização afetiva, intensificada pelas plataformas digitais, ameaça alicerces democráticos como a liberdade e o Estado de direito.

Com base numa amostra de jovens eleitores portugueses pela primeira vez durante as eleições legislativas de 2024, o estudo explora as interações entre populismo, discursos de direita radical e o uso das redes sociais. Os resultados mostram uma forte correlação entre sentimentos populistas e elevados níveis de polarização afetiva, amplificados pela dinâmica de plataformas como o X (ex-Twitter), que favorecem formas de comunicação divisivas emocionalmente carregadas. Além disso, a retórica polarizadora em torno de questões como a “ideologia de género” ilustra como as narrativas populistas aprofundam as divisões culturais, e trazem riscos para a coesão social e para o diálogo democrático.

Conclui sugerindo que a intensificação da polarização afetiva entre os jovens cons-

titui uma ameaça significativa às sociedades abertas, dada a vulnerabilidade das instituições democráticas ao discurso extremista amplificado pelas redes sociais. A superação destes desafios exige uma abordagem multifacetada, que inclua literacia mediática, regulação das plataformas digitais e a promoção de narrativas políticas inclusivas e pluralistas.

PATOLOGIAS NAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO JORNALISMO DA TELEVISÃO PÚBLICA BRASILEIRA

Autor

Acsa Roberta Macena da Silva (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo

Sob ataque e servindo de palanque para o governo, a televisão pública brasileira enfrentou profundas disfunções em 2016, a começar pela exoneração do seu Conselho Curador, órgão de representação da sociedade civil e com missão de zelar pela autonomia editorial da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), responsável por gerir a TV Brasil. Desde então, episódios de censura no processo de construção da notícia passaram a ser denunciados por jornalistas, o que escancarou uma das maiores patologias que a comunicação pública do país já enfrentou: a ausência de autonomia jornalística (SILVA, 2021). Essa lacuna também é exposta no modelo legal que deu origem à comunicação pública do país, através da Lei nº 11.652 de 2008, ligando a televisão pública à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Posteriormente, com o desmonte da legislação que a criou, passou a ser vinculada à Casa Civil da Presidência da República, permanecendo próxima e suscetível à interferência governamental através da Lei nº 13.417 de 2017, e dessa vez, com o vazio da representação da sociedade civil. Além disso, a unificação entre a TV Brasil (pública) e a NBR (estatal), autorizada em 2019 por uma portaria interna do diretor-presidente da EBC, impôs uma programação com forte apelo governamental dentro da programação pública, além de ferir o princípio da complementariedade entre os sistemas de comunicação público, estatal e comercial, que possuem diferentes funções segundo o Artigo 223 da Constituição Federal. Já em 2023, com a retomada do governo de Luiz Inácio Lula da Silva, responsável por

criar a EBC somente depois de uma série de reivindicações de movimentos sociais que exigiam uma comunicação pública no país, voltaram as expectativas sobre o resgate da sua função social. A unificação entre o canal público e governamental foi desfeita com a criação de um canal de televisão específico para divulgação das ações do governo (Canal Gov), mas a reconfiguração da participação social dentro da TV Brasil até o momento não aconteceu. Em 2024, foi realizada a maior mobilização da história dos jornalistas da EBC, que após 12 dias de greve, conquistaram a isonomia salarial para os cargos de nível superior na proposta para um novo Plano de Cargos e Remunerações (PCR). Apesar de dizer-se objetivo e imparcial, assim como faz o noticiário da mídia comercial, há uma evidente tendência de enviesamento político-partidário no jornalismo da televisão pública brasileira (SILVA, 2018; SILVA, 2021; SILVA, ROCHA, 2021). Essa tremenda mutação entre o campo da comunicação pública e governamental parece apontar um desafio teórico nas pesquisas brasileiras que se dedicam a entender qual é a função do jornalismo da televisão pública e como é possível caracterizá-lo. Afinal, existe comunicação pública no Brasil? Além disso, o jornalismo promete isenção e objetividade na notícia. Por outro lado, basta observar a sua cobertura para perceber que as noções de apartidarismo e de pretensa distinção entre fato e opinião, comumente vinculado à epistemologia positivista de objetividade, não se sustentam diante da evidente intencionalidade que direciona o processo de construção da notícia (CHAPARRO, 1994; CORREIA, 2005). A compreensão de fato como a interpretação da ideologia dominante hegemônica, geralmente, consegue desautorizar e excluir todas as demais interpretações e perspectivas almejadas pelos jornalistas e pelo público (SILVA, ROCHA, 2022). Especificamente no jornalismo da televisão pública, o mito da objetividade implica em consequências

ainda mais graves, uma vez que contribui para o esvaziamento da função social do noticiário público de confrontar, aprofundar e explicar as posições que disputam espaço na arena simbólica (GANS, 1979, 2003; GUREVITCH; BLUMER, 2016). Diante disso, o presente trabalho busca identificar as patologias enfrentadas pelo jornalismo da televisão pública brasileira com o objetivo de compreender quais são os principais aspectos para reconstrução da sua comunicação pública, que deve estar a serviço do interesse público e se atrelar ao atendimento das necessidades do cidadão (ZÉMOR, 1995). A partir do estudo de caso da TV Brasil, buscamos identificar disfunções atravessadas pelos seus profissionais durante a gestão do governo Temer (2016-2018) e governo Bolsonaro (2018-2022) que defenderam amplamente a extinção da EBC, assim como do governo Lula (2023-2024), no que diz respeito à retomada do plano de reestruturação da EBC. Espera-se contribuir para a compreensão sobre a função social do jornalismo da televisão pública e caminhos que possam promover o fortalecimento da autonomia jornalística.

JORNALISMO INVESTIGATIVO E SUAS POSSIBILIDADES: A COBERTURA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL COMO AMEAÇA AO DEBATE DEMOCRÁTICO

Autores

Verônica Maria Rufino de Sousa (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

Heitor Costa Lima da Rocha (UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo

A propagação de uma ideologia contrária à imigração no Brasil, principalmente a partir do ano de 2015, é reforçada pela ascensão da extrema direita no poder e seus discursos populistas que englobam um apelo constante ao nacionalismo e ao conservadorismo. Wodak (2015) define populismo como uma ideologia que, em tese, ao rejeitar as antigas formas de fazer política, combina liberalismo laissez-faire e anti-elitismo autoritário e, muitas vezes, com características fascistas. Por meio da estratégia de parecer dialogar com homens e mulheres comuns, esses políticos utilizam temores sociais para conseguir seus objetivos. No caso da questão dos imigrantes, tais discursos focam principalmente no medo da violência e da saturação do mercado de trabalho que a introdução de estrangeiros no país pode gerar. A separação entre o “Nós” (verdadeiros brasileiros) e o “Eles” (imigrantes e refugiados) é evidenciada nos discursos de ódio contra essa população, que são propagados nas redes sociais digitais e nos próprios media noticiosos, seja de forma explícita ou sutil. Sobre o tema, Milesi, Coury e Rovey (2018) concluem que a construção política da narrativa de culpabilização dos imigrantes sobre os prejuízos causados a uma população local em discursos oficiais perpetua e potencializa a xenofobia. O jornalismo, nesse contexto, reforça essa condição.

As denúncias de Ross (2006) sobre as consequências do processo de industrializa-

ção do jornalismo e o monopólio do grande capital sobre este segmento do mercado na qualidade jornalística, assim como as considerações de Herman (2016) sobre as condições de diversidade significativa nas notícias são bastante necessárias para essa discussão. Os dois autores convergem no que se refere à perspectiva geral abordada nas notícias, que é normalmente estabelecida pela estrutura de poder vigente, sendo difundida pelos próprios media a partir da reprodução das falas de fontes oficiais. Dessa forma, constrangimentos impostos pelos detentores de poder (político e econômico), assim como os próprios constrangimentos editoriais de rotina, favorecem uma abordagem padronizada, descontextualizada e rasa de temas sociais. O caso da situação dos imigrantes não é diferente.

Por sua vez, ao compreendermos o jornalismo investigativo como uma especificidade da atividade jornalística cujo foco centra-se na exposição de denúncias sobre questões ocultas e maléficas à sociedade, por meio de métodos aprofundados de verificação e checagem de informações, com resultados que podem provocar mudanças sociais e alterações nas relações de forças entre a sociedade civil e o sistema político (Coelho, 2023; Ferrán Lalueza, 2003; Aucoin, 2006; Habermas, 1987), percebemos nele um espaço para promoção da função pedagógica do jornalismo, que acontece por meio do esclarecimento e aprofundamento das temáticas abordadas e da apresentação de uma pluralidade de visões e perspectivas (Aguiar, 2006; Gans, 2003).

Dessa forma, este estudo busca refletir, através de um estudo de caso, como o tema da imigração é abordado em reportagens investigativas. Pretende-se observar se o jornalismo investigativo brasileiro atua como espaço para o debate e aprofundamento das questões sociais que envolvem a temática ou apenas auxilia na

reprodução dos estereótipos difundidos na mídia tradicional. Como objetos de estudo, foram selecionadas três reportagens especiais dos portais notícias: The Intercept Brasil, G1 e ICL Notícias.

O que se percebe é que a abordagem apresentada nas reportagens analisadas não se difere, totalmente, do que a mídia tradicional apresenta. Apesar de os três textos possuírem como foco denúncias que envolvem os crimes de racismo, exploração do trabalho e violência física contra imigrantes e refugiados, principalmente de origens africana, haitiana e venezuelana, não há espaço efetivo para prática de um jornalismo mais aprofundado, que promova a conscientização da sociedade sobre a complexidade que envolve a temática, o que acarreta a incidência de patologias no processo democrático.

O COACH É MEU PASTOR E NADA ME FALTARÁ: A CONVERGÊNCIA ENTRE EMPREENDEDORISMO, RELIGIÃO E POLARIZAÇÃO POLÍTICA NO BRASIL NO DISCURSO DE PABLO MARÇAL

Autores

Natália Kozmhinsky (Universidade Federal de Pernambuco)

Heitor Costa Lima da Rocha (Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo

O presente artigo analisa como o discurso de Pablo Marçal, pautado por uma subjetividade empreendedora e com influência religiosa, contribui para a polarização política e a disseminação de ideias conservadoras no Brasil. Inserido no contexto do crescimento da extrema direita no país e no mundo, figuras como Marçal têm ganhado relevância na medida em que encontram adesão e influenciam o comportamento dos eleitores. Com mais de 20 milhões de seguidores nas redes sociais, Pablo Marçal parece sintetizar este novo modelo populista de extrema direita. Mesmo antes de iniciar sua carreira política, Marçal já tinha adoradores em todo o país por sua atuação como coach e se autointitulava como “o call center que se tornou mentor de 10 milhões de brasileiros”. Embora não seja uma profissão regulamentada no Brasil, os coaches são fruto da construção da ideologia neoliberal. Vendem, muitas vezes, a ideia de uma solução individual e personalizada para problemas sociais e personificam a crise dos sistemas peritos (Cesarino, 2022). Marçal ficou de fora da disputa do segundo turno da capital paulista por menos de 1% dos votos, mas virou um nome nacional e hoje desponta como uma nova liderança de extrema direita. Pesquisa realizada pelo instituto Quaest logo após a disputa eleitoral municipal já mostrou Pablo Marçal em segundo lugar na preferência do eleitorado para a disputa presidencial com 18%. Na sequência, aparece o governador

de São Paulo, Tarcísio de Freitas com 15%. Em primeiro lugar na pesquisa, aparece o atual presidente Lula com 32% dos votos. Neste estudo, buscamos identificar as estratégias discursivas de Pablo Marçal e entender como figuras de extrema direita têm conseguido atrair um número significativo de eleitores ao adotar uma retórica populista, que apela tanto à moral religiosa quanto à individualização neoliberal. Como abordagem metodológica, optamos pela Análise do Discurso (AD), que nos ajuda a compreender os processos de produção de sentido, destacando as relações entre linguagem, sociedade e ideologia (Orlandi, 2020). Para o corpus deste estudo, escolhemos a participação de Pablo Marçal no primeiro debate televisivo, que foi realizado pela TV Bandeirantes e transmitido pela emissora e no Youtube. O artigo também discute o conceito de “guerras culturais”, que reforça uma visão binária do “nós contra eles”, desqualificando o adversário e promovendo valores que denotam uma superioridade moral. Esse tipo de retórica contribui para a polarização e fragmentação da sociedade não só no Brasil, mas no mundo. (Melo e Vaz, 2021). Nesse contexto, buscamos refletir sobre como as novas plataformas midiáticas e suas ferramentas de segmentação de público reforçam crenças pessoais e criam bolhas informativas, que favorecem a fragmentação da esfera pública (Habermas, 2023) e potencializa as oratórias radicalizadas e da extrema direita. O léxico do discurso populista e conservador, é incorporado por Pablo Marçal e também se associa à racionalidade neoliberal ao pautar o dismantling do papel do Estado social e a restauração da responsabilidade familiar (Cooper, 2017). Ao mesmo tempo em que promove o enfraquecimento da força de trabalho e enaltece a lógica da empresarização e da mercantilização da sociedade, a extrema direita impulsiona a individualização das responsabilidades e reforça a função da família. Como destaca Brown (2019, p.131), “à medida

que a vida cotidiana é mercantilizada de um lado e “familiarizada” do outro pela racionalidade neoliberal, estes processos gêmeos contestam os princípios da igualdade, secularismo, pluralismo e inclusão, junto com a determinação democrática do bem comum”. Por fim, o artigo evidencia que, apesar da inelegibilidade e do indiciamento da principal liderança da extrema direita no Brasil, o ex-presidente Jair Bolsonaro, por revelações de abuso de poder econômico e tentativa de golpe, os grupos conservadores no Brasil seguem buscando renovar suas lideranças por meio de figuras como Pablo Marçal. O estudo nos ajuda a entender também como a ultradireita segue forte no Brasil, mantendo a sua capacidade de mobilizar massas, impulsionada por um discurso que combina o neoliberalismo com os valores conservadores, que alimenta a polarização política e a fragmentação da esfera pública.

SESSÃO 8

TEORIAS CONSPIRATÓRIAS NO DISCURSO DE PARLAMENTARES BOLSONARISTAS

Autores

Allan Macedo de Novaes (Centro Universitário Adventista de São Paulo)

Diogo Macedo de Novaes (UnB – Universidade de Brasília)

Resumo

O presente estudo consiste em uma análise da presença de teorias conspiratórias em discursos de parlamentares brasileiros adeptos do bolsonarismo. Três conceitos-chaves norteiam a pesquisa, a saber, bolsonarismo e teorias conspiratórias.

O primeiro conceito-chave – o bolsonarismo – é entendido como fenômeno político complexo e multifacetado com sua gênese datada de 2013, quando eclodiu, na Petrobrás, o maior escândalo de corrupção da história do Brasil. Pode ser enxergado como um amplo e heterogêneo panorama retórico de viés reacionário, que permeia tanto o sentimento antipetista quanto os valores da pauta de costume conservador e os princípios do liberalismo econômico (Schargel, 2022). Entre seus recursos retóricos encontra-se a destabuização, isto é, é a normalização do uso de conteúdos e de termos ou expressões até então convencionalmente proibidos ou não recomendáveis socialmente (WODAK, 2023). Recentemente, o bolsonarismo ganhou a adesão de narrativas conspiratórias, que envolvem o discurso negacionista da pandemia de Covid-19 e a defesa de soluções autoritárias e antidemocráticas (Rennó, 2022, p. 149), que a presente pesquisa almeja identificar e analisar.

O segundo conceito-chave para esse estudo é o das teorias conspiratórias, consideradas como propaganda política de acordo com (Cassam, 2019) e cujo estilo retórico é compreendido nos termos de Hofstadter (1965) e Barkun (2013). A partir dessa ótica, as teorias conspiratórias apresentam ao menos cinco elementos constituintes presentes no corpo discursivo conspiratório contemporâneo, a saber: (1) elas são especulativas, porque se baseiam em conjecturas e não evidências sólidas, resultando em teorias não-falsificáveis, no sentido popperiano do termo; (2) elas são maniqueístas, por explicarem a realidade através de uma visão dualista do bem contra o mal; (3) elas são pessoais, porque são obcecadas por tomada de decisões individuais em detrimento das coletivas como explicações do mundo, desviando a atenção de complexas questões sociais que são mais bem compreendidas em termos estruturais e coletivos; (4) são científico-miméticas, porque imitam a retórica e a linguagem científica, ao passo que se posicionam como conhecimento estigmatizado ou contra-epistêmico; (5) são populistas, porque se fundamentam na crítica à elite e na glorificação da soberania popular, com ênfase na crença no caráter enganoso das autoridades (“oficialismo enganoso”).

Postos esses dois conceitos-chave, o presente estudo se concentra análise do conteúdo (Bardin, 1977) de discursos e debates legislativos de todos os parlamentares federais investigados nos Inquéritos das Fake News (INQ 4781) e dos Atos Antidemocráticos (INQ 4921) instaurados no âmbito do Supremo Tribunal Federal (STF) da República Federativa do Brasil, com o objeti-

vo de neles identificar eventuais padrões e traços típicos de teorias conspiracionistas (Brasil, 2019; Brasil, 2023). O corpus da pesquisa abrange as notas taquigráficas e reportagens da Agência Câmara, referentes aos discursos parlamentares proferidos no plenário da Câmara dos Deputados e também nas comissões temáticas permanentes, durante o período compreendido entre os anos de 2020 e 2023.

A análise de conteúdo consistirá em três fases. A primeira envolve a formação de um dicionário de termos de semântica conspiratória presentes no corpus que possuem relação com o negacionismo da pandemia da Covid-19, movimento antivacina, fraude nas eleições de 2022 e discursos antidemocráticos ou autoritários sobre atuações dos Poderes da República, especialmente do Judiciário e das forças armadas. Tomando-se como referência o trabalho desenvolvido por Molinari para análise de discursos parlamentares (2020), ordenam-se os dicionários de acordo com a relevância das palavras, que é dada pela aplicação de um método de contagem, *term frequency*. Uma vez levantados esses dados, a segunda fase consistirá em uma avaliação textual, pela qual confrontar-se-ão os padrões narrativos identificados acerca dos temas supramencionados com elementos retóricos do discurso conspiratório, ou seja, se os discursos possuem caráter especulativo, maniqueísta, pessoal, científico-mimético e populista. Por fim, a terceira fase elaborará relações entre a destabuização e narrativas conspiratórias nos discursos parlamentares.

Análises preliminares dos dados parcialmente coletados revelam que há padrões marcantes e traços típicos de narrativas conspiracionistas nos discursos dos parlamentares federais investigados nos Inquéritos das Fake News e dos Atos Antidemocráticos, notadamente relacionadas à negação da existência ou da importância da crise pandêmica de Covid-19 e à supos-

ta ineficácia ou eficácia adversa da vacinação do novo coronavírus, bem como a alegações de fraudes nas urnas de 2022 e de uma hipotética atuação criminosa e deliberada de ministros do STF para impedir a reeleição presidencial de Jair Messias Bolsonaro, de forma a configurar a estrutura epistemológica validadora dos atos antidemocráticos e invasão do Congresso Nacional, do Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal (STF) no dia 8 de janeiro de 2023.

O POPULISMO DE DIREITA E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA EM SOCIEDADES DEMOCRÁTICAS

Autora

Maria Eduarda Odilia Costa (UBI)

Resumo

O populismo de direita tornou-se um fenômeno central nas discussões políticas contemporâneas, especialmente em democracias. Esse movimento, que tem ganhado força nas últimas décadas, alcançou maior destaque nos últimos anos. Este artigo examina as origens do populismo, suas manifestações recentes, o papel das redes sociais em sua disseminação e a validação de discursos extremistas por líderes populistas de direita. O objetivo é compreender como esse fenômeno impacta a participação política nas democracias atuais, que enfrentam o crescimento da polarização e práticas que desafiam os valores democráticos.

Assim, podemos definir que o populismo é um conceito multifacetado, analisado por diversas abordagens teóricas. Mas, aqui, olharemos para ele por meio da perspectiva construtivista, onde o populismo é visto como uma forma discursiva, e não como uma ideologia fixa, que contrapõe “o povo” às “elites”. Esse discurso responde à percepção de que as elites políticas deixaram de representar as necessidades da população. No caso do populismo de direita, o apelo é construído em torno de uma identidade coletiva que vê a nação como ameaçada por grupos como imigrantes, minorias ou elites globalistas. Essa narrativa polarizadora cria um senso de urgência e pertencimento, mobilizando o público contra um “inimigo comum”.

Assim, nos últimos anos, o populismo de direita experimentou uma ascensão global, com líderes se destacando em países como Estados Unidos, Brasil, Hungria, Polônia e Itália. Nesse cenário, os políticos utilizaram

um discurso onde se apresentam como a voz do povo contra as elites, ganhando força em um contexto de crescente desilusão com a política tradicional e o funcionamento das instituições democráticas. Líderes que adotam esse discurso posicionam-se como outsiders, figuras que rejeitam as convenções e práticas do sistema político convencional, e prometem uma ruptura drástica com o status quo. Além disso, a liderança “anti-establishment” reforça uma conexão emocional com o eleitorado, oferecendo promessas de renovação, justiça e soberania, muitas vezes apoiadas em narrativas simplistas que identificam um inimigo comum a ser combatido.

As redes sociais desempenham um papel fundamental no fortalecimento do populismo de direita. Plataformas como Facebook, Twitter, Instagram e YouTube permitem que líderes populistas estabeleçam uma comunicação direta com seus eleitores, driblando a mediação dos meios de comunicação tradicionais. Essa estratégia facilita a disseminação de mensagens polarizadoras, reforçando a narrativa de um confronto constante entre “o povo” e “as elites”.

Um efeito importante das redes sociais é a formação de bolhas informativas, onde os usuários consomem conteúdos que confirmam suas crenças preexistentes. Esse fenômeno fragmenta a opinião pública e intensifica a radicalização política. Expostos a conteúdos que validam suas ideias, os indivíduos tornam-se mais propensos a adotar posturas extremistas, agravando a polarização ideológica no discurso político. A ampliação do uso dessas plataformas por líderes populistas de direita demonstra como a tecnologia tem sido instrumentalizada para potencializar discursos que fragilizam o tecido social e político das democracias.

Além disso, as redes sociais favorecem a organização de grupos alinhados ao populismo de direita, que se reúnem vir-

tualmente para debater estratégias e reforçar suas crenças. Durante campanhas eleitorais, esses grupos são cruciais para a mobilização política, influenciando diretamente os resultados eleitorais. A interação direta entre líderes populistas e seus seguidores fortalece uma cultura de exclusão e hostilidade em relação aos adversários políticos, dificultando o diálogo entre diferentes segmentos da sociedade. Esses espaços também atuam como ecos de legitimação, reforçando narrativas que consolidam o populismo como resposta à insatisfação popular.

Por fim, líderes populistas de direita têm desempenhado um papel central na legitimação de discursos extremistas. Ao desqualificarem instituições democráticas e promoverem uma narrativa de confronto com as elites, esses líderes normalizam posturas antes vistas como extremas ou antidemocráticas. Muitas vezes, eles utilizam discursos que alimentam xenofobia, racismo, nacionalismo extremo e intolerância, mobilizando suas bases eleitorais em torno dessas ideias. Essa validação contribui para o enfraquecimento das instituições democráticas, colocando em risco os fundamentos das democracias modernas.

Esses líderes também exploram crises para justificar medidas que enfraquecem direitos fundamentais, como a liberdade de imprensa e o funcionamento independente do judiciário, consolidando sua influência. Ao se colocarem como defensores do povo contra ameaças internas e externas, constroem um discurso que, além de dividir a sociedade, contribui para a erosão dos valores democráticos. Esse padrão reforça a urgência de compreender os impactos do populismo de direita em uma perspectiva global, identificando suas ações e consequências de longo prazo.

Em síntese, o populismo de direita consolidou-se como uma força de grande impacto nas democracias contemporâneas, impul-

sionado pela crise de representação e pela crescente polarização social. As redes sociais desempenham um papel crucial na propagação de discursos populistas e extremistas, enquanto a legitimação dessas ideias por líderes políticos aprofunda a crise democrática. Esse cenário exige uma reflexão sobre o futuro da participação política e dos valores democráticos no século XXI, pois o populismo de direita ameaça não apenas os processos políticos tradicionais, mas também os princípios fundamentais das sociedades democráticas.

JORNALISMO E DEMOCRACIA EM CRISE: DESAFIOS E BARREIRAS NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA QUALIFICADA

Autores

Juliana Ângela Lapenda Figueiroa UFPE – Universidade Federal de Pernambuco & UBI)
Heitor Costa Lima da Rocha UFPE – Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo

O avanço da extrema-direita, no Brasil e em outros países, evidenciou a deslegitimação de instituições democráticas como o Jornalismo, especialmente no atual panorama de hibridismo e Convergência Digital (Jenkins, 2008), onde mídias tradicionais e novas tecnologias convivem e competem economicamente e simbolicamente, ampliando a crise que a democracia enfrenta no atual regime de informação (Han, 2022). Com a consolidação do novo critério de legitimação das leis do estado de direito tendo como fonte única e exclusiva a opinião pública articulada pelo Jornalismo, em substituição à política de segredo medieval, o consenso passa a se constituir em arena de disputas onde ganha quem tem maior poder sobre a interpretação da realidade (Gans, 2003). A partir de então, essa luta ideológica na deliberação política começou a sofrer a ameaça de perversão do consenso autêntico, especialmente com o advento da industrialização da mídia noticiosa com o seu “jornalismo informativo” presumido como capaz de distinguir opinião e fato, cujo significado é apresentado como inerente a sua própria natureza e inquestionável, independente de qualquer interpretação e naturalizado em discurso monológico, conforme a ideologia epistêmica positivista da objetividade (Piaget; Rolando, 2011). Assim, a tradicional crise de legitimação, devido às barreiras impostas pela estrutura de poder para distorcer sistematicamente a discussão na esfera pública, é agravada no atual cenário das esferas públicas platformizadas, quando as notícias são

produzidas por jornalistas que, como os vários usuários de plataformas digitais, são influenciados por algoritmos, num “transumanismo” que altera nossas relações espaço-temporais no meio artificial (Sadín, 2024). Esse novo contexto social torna cada vez mais complexa a atividade jornalística e ainda mais distante o ideal de política deliberativa com base numa ética discursiva (Habermas, 2002). Assim, em meio a estratégias digitais de populistas antidemocráticos e autoritários, os cidadãos não mais se identificam com a democracia tornando-se presas fáceis para os grupos que exploram suas frustrações (Habermas, 2023). A invasão ao Capitólio nos EUA, os ataques de 08 de janeiro, no Brasil, e a recente detonação de bombas em Brasília são exemplos dessa disfunção na formação da opinião pública qualificada, pondo em risco a democracia com base numa sociedade civil ativa, onde a atenção dos cidadãos deve ser voltada para temas relevantes na esfera pública. Portanto, a sociedade civil, que antes era o cenário do jogo político entre instituições, organizações e Estado, passa a ser “Sociedade Incivil” (Sodré, 2021), onde a informação pública é afetada por notáveis mutações, e a realidade da vida é aumentada por algoritmos e temporalmente acelerada por máquinas. Desta maneira, na perspectiva do construtivismo, este trabalho propõe uma revisão de literatura para contribuir com o aprofundamento do estado da arte dos estudos em Jornalismo, referente às barreiras impostas para impedir que o jornalista atue como articulador e mediador da discussão pública interpelando a audiência a assumir-se como comunidade moral em prol da democracia. O objetivo é discutir o papel de mediação do Jornalismo, que, mesmo em meio a crises de deslegitimação, preserva a capacidade de, eventualmente, se posicionar pelas transformações das crenças e ideologias que ameaçam a democracia deliberativa. Para exemplificar o funcionamento das barreiras na produção jor-

nalística, são analisadas duas notícias do Jornal Nacional (TV Globo): uma sobre manifestações de bolsonaristas radicais que culminaram na invasão e depredação das sedes dos três poderes em Brasília no dia 08 de janeiro de 2023 e outra sobre o atentado do dia 13 de novembro de 2024, quando um homem morreu ao detonar bombas na Câmara dos Deputados e em frente ao STF em Brasília. A cobertura jornalística das manifestações que antecederam o 8 de janeiro, feita pelo Jornal Nacional, foi alinhada aos preceitos do jornalismo convencional objetivista, sem problematizar ou desvelar interesses. Esse tipo de jornalismo reforça a barreira que impede a opinião pública de enxergar os riscos à democracia. As explosões de 13 de novembro de 2024 em Brasília também são resquícios dessa opinião pública formada de maneira disfuncional. Em uma das entrevistas, a ex-esposa do homem que morreu ao detonar as bombas afirmou que ele “só falava sobre política” e, influenciado pelos conteúdos de extrema-direita que consumia nas redes sociais, já vinha planejando o ataque há algum tempo. Na análise dessa notícia, investigamos se a cobertura do Jornal Nacional relacionou um ataque ao outro problematizando os riscos à democracia e se desvelou questões como quem financiou esse ato terrorista. A ideia é verificar se o telejornal ajudou a reforçar, na sociedade, um clima de opinião que possa ir de encontro à disfunção da opinião pública formada nesse complexo panorama de plataformação, hibridismo midiático e ataques à democracia.

EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA SALA DE AULA: PROPAGANDA MAOISTA E POPULISMO NA ANIMAÇÃO DA REVOLUÇÃO CULTURAL

Autor

Shenglan Zhou (CECC – Universidade Católica Portuguesa)

Resumo

O conceito de populismo permaneceu ambíguo nas discussões académicas desde o seu surgimento, tendo-se tornado um tema controverso nas ciências sociais e políticas a partir da década de 1950. As suas origens são frequentemente atribuídas a movimentos agrários radicais nos Estados Unidos e ao movimento intelectual russo dos Narodniks, que procurava mobilizar as populações rurais, ambos emergindo no final do século XIX (Allcock, 1971, p.373).

No contexto académico ocidental, o populismo é geralmente discutido em sociedades democráticas, contrastando-se frequentemente a democracia populista com a democracia liberal, esta última caracterizada pelo Estado de direito e pela legitimação das instituições tradicionais (Allcock, 1971, p. 375). Contudo, em sociedades autoritárias como a China, o populismo assume uma forma distinta. Tang (2016, p.152) caracteriza o regime comunista chinês como um ‘autoritarismo populista’, composto por oito elementos interligados: ampla aceitação da ideologia da Linha de Massas, forte capital social e solidariedade grupal, elevados níveis de confiança política e apoio ao regime, forte identidade nacional, envolvimento político direto da população (especialmente local), alta capacidade de resposta do governo, e um subdesenvolvimento das instituições e procedimentos intermediários típicos da sociedade civil.

O populismo chinês tem a sua origem nas influências tradicionais e externas. Embora o pensamento político tradicional chi-

nês fosse majoritariamente elitista, certos elementos populistas surgiram como contraculturas inspiradas pelo taoísmo, budismo e revoltas camponesas recorrentes. Influências externas, especialmente durante o Movimento do Quatro de Maio (1919), parte integrante do Movimento da Nova Cultura (1915-1921), também tiveram um papel significativo. Este movimento enfatizava a salvação nacional, introduzia conceitos democráticos e defendia a adoção da língua vernácula em detrimento do chinês clássico, desafiando assim o discurso das elites (Townsend, 1977, p.1005).

Mao Zedong (1893-1976) é descrito por Townsend como a ‘figura principal’ no desenvolvimento do populismo chinês (Townsend, 1977, p. 1006), devido à sua interpretação e adaptação únicas dos princípios populistas ao contexto chinês. A sua teoria da Linha de Massas enfatizava os laços estreitos entre o Partido Comunista e as massas, um sistema institucional sem mediações tradicionais, e relações sociais igualitárias como base da governação (He et al., 2021, p. 3014). Um dos movimentos políticos mais controversos da liderança de Mao foi a Revolução Cultural (1966-1976), período que exemplificou plenamente as características do populismo chinês. Como explica Tang (2016, p. 7):

‘Mao e os seus seguidores ultrapassaram e destruíram as instituições burocráticas intermediárias e organizações profissionais, tentando alcançar e mobilizar as camadas mais baixas da sociedade chinesa, com vista a atingir crescimento económico e igualitarismo social e político.’

Desta forma, a Revolução Cultural pode ser considerada um dos movimentos populistas mais emblemáticos da história chinesa. Durante este período, os media serviram como ferramentas de propaganda para difundir ideologias maoistas, incluindo a luta de classes, os ataques a

rivais políticos, a mobilização de massas (como os Guardas Vermelhos) e a Campanha de Envio ao Campo. Após a morte de Mao, a Revolução Cultural terminou abruptamente e foi posteriormente reconhecida oficialmente como um grave erro que causou grandes danos ao povo e ao Partido (International Department, Central Committee of CPC, 2021, para. 1).

No entanto, sob a liderança de Xi Jinping, observa-se um ressurgimento visível do populismo maoista (He et al., 2021, p. 3014). Xi reintroduziu a ideologia da Linha de Massas, consolidou o poder através de uma imagem carismática como ‘presidente’, lançou uma campanha anticorrupção para legitimar a sua governação junto das massas e procurou, internacionalmente, promover um nacionalismo populista através de iniciativas como a segunda vaga da Campanha de Educação Patriótica iniciada em 2019.

Neste contexto, estudar a história do populismo chinês torna-se essencial para compreender a atual dinâmica política da China. Este estudo analisa os discursos populistas que promovem a luta de classes e as ideologias comunistas direcionadas às crianças durante a Revolução Cultural, usando como caso de estudo o filme de animação de 1972, *After School*, produzido pelo Shanghai Animation Film Studio. Este filme mostra como um grupo de alunos da escola primária, liderado por um jovem Guarda Vermelho, por um operário aposentado chamado Tio Zhou e pela professora, descobre e confronta um ‘inimigo de classe’ que tenta espalhar ideologias contrarrevolucionárias através de rimas infantis.

Produtida num período caótico e transformador, esta animação reflete a mobilização das crianças como atores políticos e a instrumentalização da educação como doutrinação ideológica. O estudo recorre à análise multimodal do discurso para

compreender como este exemplo histórico promoveu ideias populistas maoistas e para perceber o impacto duradouro destas estratégias na sociedade chinesa contemporânea.

Examinando as intersecções entre propaganda, populismo e educação durante a Revolução Cultural, este estudo contribui para debates académicos sobre as manifestações globais do populismo. Argumenta-se que o populismo, seja em contextos ocidentais ou asiáticos, democráticos ou autoritários, apresenta características comuns. Embora a animação exemplifique o populismo chinês, exhibe também elementos do populismo definidos nos contextos académicos ocidentais. Esta dualidade enfatiza a ambiguidade e complexidade do conceito de populismo, mostrando que, apesar de moldado por contextos históricos, políticos e culturais específicos, possui elementos centrais universais que transcendem tempo e lugar.

**4^a JORNADAS
INTERNACIONAIS
PATOLOGIAS E DISFUNÇÕES
DA DEMOCRACIA EM
CONTEXTO MEDIÁTICO
LIVRO DE RESUMOS**

**4TH INTERNATIONAL
CONFERENCE ON
PATHOLOGIES AND
DYSFUNCTIONS OF
DEMOCRACY IN MEDIA
CONTEXT
ABSTRACTS BOOK**

